

ASPECTOS DA LÍNGUA PIRAHÁ E A NOÇÃO DE POLIFONIA

POR

Maria Filomena Spatti Sândalo

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Es-
tadual de Campinas como requi-
sito parcial para obtenção do
título de Mestre em Lingüísti-
ca.

ESTE EXEMPLAR É A REDAÇÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA POR
MARIA FILOMENA SPATTI SÂNDALO
E APROVADA PELA COMISSÃO
JULGADORA EM 21/08/89.

CAMPINAS 1989

Maria Bernadete Marques Abaurre
PROF. DR. MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE

Sa56a

11423/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

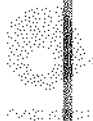
AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que ajudaram na realização deste trabalho:

- Meus orientadores Maria Bernadete Abaurre e João Wanderley Geraldi
- Daniel Everett, pela ajuda e incentivo desde quando comecei meu trabalho com a língua pirahã. Agradeço, em especial, a Everett e esposa pela viagem à aldeia indígena pirahã, em janeiro de 1986.
- Aryon Rodrigues, que me orientou desde o primeiro trabalho em lingüística antropológica.
- Eleonora Albano, pelas sugestões dadas a este trabalho.
- Wilson H. Kawai à assistência dada.

Orientação: Maria Bernadete Abaurre

Co-Orientação: João Wanderley Geraldi



SUMÁRIO

Introdução

Capítulo I- Algumas Notas Sobre o Povo e a Cultura Pirahã

Capítulo II- Fonética e Fonologia Pirahã

I- Aspectos Gerais da Fonologia Pirahã

II- A Nasalização na Língua Pirahã: Condições
Linguísticas.

III- Nasalização e Discurso

Capítulo III- Articuladores de Enunciados em Pirahã

I- Introdução

II- A Partícula hoagá

III- A Partícula tasá

Conclusão

Bibliografia

INDICE

Introdução	2
------------------	---

Capítulo I

Algumas Notas Sobre o Povo e a Cultura Pirahã	7
---	---

Capítulo II

FONÉTICA E FONOLOGIA PIRAHÃ

I- Aspectos Gerais da Fonoologia Pirahã	19
II- A Nasalização na Língua Pirahã:	
Condicionadores Lingüísticos	35
III- Nasalização e Discurso	56

Capítulo III

ARTICULADORES DE ENUNCIADOS EM PIRAHÃ

I- Introdução	75
II- A Partícula <i>hoagá</i>	79
III- A Partícula <i>iaia</i>	97

Conclusão	114
-----------------	-----

Bibliografia	118
--------------------	-----

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo retomar (e analisar a partir de outros ângulos) alguns aspectos da língua pirahã já anteriormente descritos, acrescentar alguns dados e descrever fenômenos ainda não abordados.

Pretendendo operar com dados da forma mais ampla possível, coletei material empírico de três diferentes tipos - palavras descontextualizadas, frases (contextualizadas ou não) e textos - de modo a poder trabalhar com fenômenos de ordem fonético-fonológico, morfo sintático e textual. No entanto, metodologicamente, trabalharei em apenas dois diferentes níveis, ressaltando, em cada um, um aspecto: a nasalização no nível fonético-fonológico, e dois articuladores sentenciais (as partículas *hoana* e *iaia*) no nível morfo-sintático.

1-Fonético-Fonológico: Interessa entender os condicionamentos linguísticos do fenômeno de nasalização em pirahã e também explicar a ocorrência deste fenômeno no discurso. Em primeiro lugar, tentarei explicar o aparecimento da nasalização em termos fonéticos e fonológicos. Tento mostrar neste trabalho que os chamados glides (Chomsky e Halle:1968) ([y], [w], [ʔ] e [h]) funcionam como uma classe natural capaz de condicionar nasalização. Apresentarei também alguns problemas da fonologia pirahã que parecem apontar para a necessidade de teorias fonológicas autosssegmentais para um estudo adequado da fonologia desta língua. É, no entanto, a ocorrência do fenômeno de espalhamento de nasalização no discurso que me levará à noção de polifonia como uma pos-

sível noção explicativa. Creio que o sentido não resulta apenas de palavras ou enunciados, mas também dos sons empregados, ou ainda, das qualidades de voz empregadas, pois, como afirma Récanati (1979,123):

"un elemento lingüístico no significa sólo por su contenido sino también por su forma: al lado de lo que dice está aquello que, lateralmente o marginalmente, muestra".

2-Morfo-Sintático: A descrição de partículas articuladoras de enunciados, até o presente momento, somente se fez com base em línguas indo-européias. Penso que analisar dados da língua pirahã seguindo os trabalhos desenvolvidos no interior da Semântica Argumentativa permitirá testar o modelo, observando até que ponto este modelo pode dar conta de fenômenos de línguas não indo-européias. Pretendo verificar se os articuladores de sentenças na língua pirahã (*hoagá* e *fasia*) funcionam como operadores argumentativos. As partículas que analisarei já foram examinadas, com outra perspectiva, por Everett (1983). Os dados que utilizarei serão de tais tipos: os citados por Everett, os por mim coletados e algumas ocorrências que aparecem em narrativas por mim transcritas e obtidas por Everett para este trabalho.

Minha hipótese é de que a noção de polifonia pode trazer contribuição no sentido de solucionar os problemas discutidos, dando uma explicação única para questões tradicionalmente separadas face aos diferentes níveis de análise da língua. Acredito,

assim, que a justaposição de vozes no discurso, ou ainda, a visão de que a "voz do outro" é constitutiva do sentido no discurso, pode trazer uma explicação única para fenômenos tradicionalmente separados e explicados em diferentes níveis de análise.

Entretanto, apesar de meu trabalho apontar para explicações discursivas, minha tentativa será de encaminhar a análise sem apelar para o nível discursivo: interessa-me tentar "esgotar" as possibilidades de uma descrição adequada e econômica nos moldes das descrições fonético-fonológicas para a nasalização e da Semântica Argumentativa para os articuladores de enunciados. Não se creia, no entanto, que meu objetivo principal seja testar os modelos de análise utilizados tendo por base os dados da língua pirahã. Não se trata de teste de modelos de análise: como as análises tradicionais não oferecem uma explicação suficiente para as questões que os dados levantam, buscarei na noção de polifonia uma possível explicação.

Até agora os trabalhos em Linguística Antropológica têm-se prendido aos modelos Estruturalistas e Gerativistas. Não creio que estes modelos sejam inadequados ao que se propõem fazer, muito menos ultrapassados. Ao contrário disso, pretendo mostrar como uma análise dentro destes modelos pode levantar questões muito interessantes para a Linguística. Entretanto, pretendo também sugerir que a Linguística deva ser mais totalizante e considerar também questões que seriam desconsideradas por Saussure e Chomsky como sendo do domínio da fala e da performance respectivamente. Isto porque me parece ser importante, para o estudo científico, mostrar não só o que é universal, mas também o uso e a significa-

ção dada a determinado aspecto lingüístico dentro de uma comunidade.

Trabalhando neste sentido, dissolvemos a dicotomia língua-fala, competência-performance. Não existe neste trabalho um privilégio da língua ou da competência para o estudo lingüístico. Neste trabalho não há também a escolha de um modelo lingüístico, noções de vários modelos serão aplicadas na tentativa de explicar os fenômenos selecionados. O trabalho partirá de análise estruturalistas e gerativistas, mas olhando para os dados da língua pirahã de modo a se desprender destes modelos e considerar também o jogo discursivo, a construção conjunta da significação, o recurso do ponto de vista do interlocutor, a partilha e negociação das pressuposições que lhe permitem assumir na interlocução papéis reversíveis.

Assim, para os estudos dos aspectos da fonologia partirei da Fonologia Gerativa e para o estudo dos articuladores de enunciação partirei da Semântica Argumentativa. Tentarei observar quais questões estes modelos permitem "ver" e a partir de sua "detecção" tentarei procurar outros caminhos para suas descrição e explicação. Deste modo, pretendo também, a partir da língua pirahã (língua que parece apresentar problemas interessantes para a Lingüística) em comparação com línguas européias, verificar até que ponto os modelos mais usados para a análise lingüística são suficientes para explicar certos fenômenos de linguagem.

Creio que este trabalho tem duplo interesse para a Linguística:

a) é uma colaboração na área de documentação e descrição de línguas indígenas brasileiras, ao retomar, aprofundar e ampliar descrições feitas anteriormente;

b) parece-me que a língua pirahã apresenta alguns problemas que, por cruciais, podem provocar uma redifinição de conceitos usados nas análises linguísticas. Pode, assim, trazer contribuições teóricas em dois sentidos

1) as questões fonéticas-fonológicas discutidas podem acarretar uma revisão de conceitos de análise de fonética e fonologia, as quais tenho pretensões de retomar em trabalho futuro, aprofundando principalmente as análises com base em teorias fonológicas autosegmentais.

2) pode trazer uma contribuição teórica, pois tentarei, na comparação de fenômenos de uma língua indígena com fenômenos de línguas européias, encontrar uma categoria discursiva capaz de trazer uma explicação única para fenômenos tratados separadamente e de modo diferente em cada nível de análise da língua.

Quanto ao corpus utilizado neste trabalho, alguns esclarecimentos são necessários. É possível dividi-lo em três partes:

1-palavras

2-frases

3-textos (narrativas)

Estas partes também podem ser subdivididas:

- a-dados obtidos diretamente com informantes, coletados por mim ou por Everett para este trabalho;
- b-dados obtidos em trabalhos de outros pesquisadores.

Frase e Palavras: o trabalho conta com frases e palavras descontextualizadas coletadas na aldeia mais próxima à rodovia Transamazônica em janeiro de 1986. Estes dados foram coletados por mim através do seguinte procedimento:

- a-elaboração de um questionário na própria língua pirahã devido ao fato de este povo ser monolíngüe ;
- b-entrevistas com falantes de diversas idades e sexos: aplicação do questionário.

Este trabalho conta também com frases retiradas de Everett (1983).

Textos: a análise tomará também exemplos retirados de uma narrativa pirahã contada pelo índio Ka'yoá da aldeia mais próxima da "boca" do rio Maici em fevereiro de 1987. Esta narrativa foi por mim transcrita, mas obtida e traduzida por Everett para este trabalho.

Além dos dados dessa narrativa, serão também considerados dados obtidos a partir de outras narrativas contadas pelo índio Ka'yoá e uma narrativa contada pelo índio Do'to da aldeia mais próxima à rodovia Transamazônica, que, embora sem tradução, servirão para comparação fonética. Esta última narrativa foi por mim coletada em janeiro de 1986. As narrativas contadas por Ka'yoá

foram coletadas por Everett em janeiro de 1987, para este trabalho. Todos os textos acima mencionados foram por mim transcritos.

O trabalho conta também, subsidiariamente, com narrativas obtidas, transcritas e traduzidas por Linda e Steve Sheldon. Estes textos foram obtidos no Summer Institute of Linguistics.

Capítulo I

ALGUMAS NOTAS SOBRE O POVO E A CULTURA PIRAHÃ

I - Algumas notas sobre os pirahã

1-Introdução

Os pirahã são um povo indígena que habita às margens do rio Maici, afluente do Madeira, sul do Amazonas.

Seus falantes são cerca de cento e vinte pessoas que vivem em pequenas aldeias acessíveis apenas de barco.

A língua pirahã foi classificada como da família Mura. Desta família lingüística parece ser a última língua ainda falada. Além dos pirahã, conhecidos também como mura-pirahã, há também outros povos da mesma família: mura, bohurá e yaháhi. Parece que estes povos não falam mais suas línguas.

A cultura pirahã não têm relação evidente com as outras culturas indígenas brasileiras. Rodrigues e Oliveira (1977) levantaram a hipótese de que isto ocorre porque emigraram do Peru, de onde são oriundos, ressentidos com a legislação dos incas (cf. Everett, 1979).

O trabalho aqui desenvolvido começou na visita que fiz aos pirahã, em janeiro de 1986.

Este trabalho considera fatores culturais importantes para o entendimento de certos fatores lingüísticos, por isso alguns aspectos culturais serão aqui levantados.

2-Trabalhos Anteriores - um pouco de história

Curt Nimuendaju foi um dos dos primeiros a escrever sobre o povo pirahã (década de vinte). No entanto, somente a partir da década de sessenta estes índios passaram a despertar um interesse em algumas pessoas.

Arlo Heinrich e o casal Steve e Linda Sheldon, todos do Summer Institute of Linguistics, trabalharam com este grupo com fins linguísticos e missionários.

As antropólogas Adélia de Oliveira e Ivelise de Oliveira, do museu Goeldi de Belém do Pará, publicaram estudos sobre a língua e cultura pirahã na década de setenta. Estas pesquisadoras não tiveram contato direto com os pirahã, levantaram suas hipóteses através do trabalho dos Sheldon (cf. Everett 1979).

Além destes, na década de setenta, também Saverio Roppa do grupo Polylinguists trabalhou com os mura-pirahã.

Atualmente, na década de oitenta, a língua e cultura pirahã não é ainda objeto de estudos de muitas pessoas. Os principais estudos sobre esta língua foram feitos por Daniel Everett. Recentemente (dezembro de 1988) uma dissertação de mestrado em antropologia foi defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Marco A. Teixeira, sobre aspectos da cultura pirahã.

Everett iniciou o trabalho com a língua pirahã na década de setenta, apresentando na Universidade Estadual de Campinas, em 1979, uma dissertação de mestrado sobre aspectos gerais da fonologia desta língua.

Em 1988 este autor defendeu tese de doutoramento na mesma universidade, trabalhando com pirahã baseado na Teoria Gerativa. Agora, na Universidade de Pittsburgh, EUA, Everett continua publicando estudos em sintaxe e fonologia pirahã dentro da Teoria Gerativa de Regência e Vinculação e de Fonologias Autossegmentais respectivamente.

Do trabalho de Teixeira tenho apenas informações de que se trata de um estudo sobre aspectos gerais da cultura pirahã, dando ênfase à atribuição de nomes próprios e sua relação com entidades míticas. Os pirahã mudam de nomes periodicamente, Teixeira mostra a relação deste fato com a religiosidade. Ele registrou vários rituais. Também Teixeira aborda, em seu trabalho, a cosmologia pirahã (Teixeira, em comunicação pessoal).

Não tive contato direto com o trabalho de Sheldon e Sheldon, apenas obtive algumas informações através do trabalho de Everett. Parece que os Sheldon têm como principais trabalhos em língua pirahã uma gramática pedagógica não publicada e um artigo sobre fonologia publicado na revista International Journal of American Linguistics em 1974.

3-A visita

Os pirahã vivem em pequenos grupos (famílias (?)) espalhados ao longo do rio Maici.

É possível dividir as aldeias pirahã em dois blocos básicos: as aldeias da "boca" do rio e as aldeias próximas à rodovia Transamazônica.

Chegar aos pirahã é difícil e dispendioso, o que impede voltas constantes à aldeia. Há duas maneiras possíveis de chegar até eles. É possível tomar um ônibus em Porto Velho, Rondônia, para Juma, uma pequena cidade do Amazonas, saltando, entretanto, na rodovia Transamazônica na altura do rio Maici. Deste local basta uma hora de barco a motor até a primeira aldeia pirahã. Outra alternativa é fretar um barco de viagem em Porto Velho e seguir pelos rios Madeira e Marmelos até alcançar o rio Maici. Através do primeiro é mais fácil chegar até as aldeias próximas à Transamazônica. Pelo segundo chega-se às aldeias da "boca" do rio Maici. Por este último, apesar de mais caro, permite uma visita a todas as aldeias pirahã, pois não é possível ter acesso aos pirahã por terra.

Estive com o povo pirahã em janeiro de 1986. Fomos em um grupo, financiados pela FAPESP e sob orientação do professor Daniel Everett. Visitamos as aldeias próximas à Transamazônica. Ficamos em uma casa abandonada, antigo posto da FUNAI, localizada há quinze minutos de barco a motor (conhecido na região pelo nome de "voadeira") de duas aldeias.

Permanecemos neste local colhendo dados durante um mês. Tínhamos a intenção de continuar a viagem pelo rio Maici, visitando as outras aldeias a fim de fazer uma comparação dialetal. O barco contratado para a viagem relativamente longa, entretanto, não apareceu.

Durante nossa permanência entre os pirahã, conhecemos o antropólogo Marco A. Teixeira que estava a caminho das aldeias da "boca" do rio onde pretendia colher dados para sua tese de mes-

trado. Teixeira pretendia trabalhar com os índios desta região pelo fato de eles terem noções de português.

Em toda a região onde habitam os pirahã, há muita malária falcípara, mas ninguém contraiu a doença. Apenas Teixeira, depois que se separou de nosso grupo, ficou gravemente doente devido a uma não adaptação alimentar.

Apesar de não ter conhecimentos específicos em antropologia, pude observar alguns aspectos culturais, sendo alguns deles cruciais para o desenvolvimento do trabalho linguístico realizado.

4-Aspectos da Cultura Pirahã

A região da "boca" do rio é muito rica em castanhas, produto que interessa aos comerciantes da região. Os índios cujas aldeias ficam nestas região, têm maior contato com estrangeiros (não índios) e, assim, têm noções de português e desenvolveram uma língua de comércio que parece ser uma mistura de português, pirahã e nheengatu (língua geral). Também parece que estes índios sofrem uma influência maior do estrangeiro. Os pirahã próximos à rodovia Transamazônica também já têm influência estrangeira, entretanto menor. Estes pirahã ainda conservam muito de sua cultura e são monolíngües. Há certos alofones que estão desaparecendo entre os índios da "boca" do rio, mas que continuam a ser usados pelos índios da outra região. Há um alofone, a vibrante bilabial surda, que foi pela primeira vez registrada durante nossa visita nas aldeia monolíngües próximas à Transamazônica.

Os pirahã vivem basicamente da caça e da pesca. Entre os estudiosos desta língua há quem diga que este povo já foi agricultor (plantavam milho e mandioca), mas atualmente deixou esta prática devido à facilidade de troca de castanha com, principalmente, farinha. Há, no entanto, outros que afirmam que os pirahã nunca foram agricultores, passaram a adotar vegetais na alimentação depois da vinda de estrangeiros.

Este povo não faz muitos trabalhos manuais, apenas o necessário: arco, flechas e alguns adornos como colares.

Estes índios são conhecidos na região como "preguiçosos", pois, "aos olhos de nossa cultura", pouco trabalham. Caçam e pescam apenas quando necessário, constroem pequenas malocas (apenas quatro estacas, sem paredes, cobertas de vegetal) facilitando uma mudança constante para perto do rio de acordo com a ausência ou abundância de chuvas. Teixeira (em comunicação pessoal) brincou, afirmando que os pirahã não são trabalhadores, são pensadores. Fez ele um estudo sobre cosmologia e representação de mundo pirahã.

Eu estive com os pirahã durante o período de chuvas, suas malocas estavam construídas no topo do barranco. Na época da seca suas malocas permanecem em uma vasta praia seguidas de altos barrancos (Teixeira, em comunicação pessoal)

Segundo Teixeira não há uma rígida divisão social do trabalho na cultura os pirahã. Embora concorde com Teixeira, pois mulheres e homens pescam, caçam e fazem trabalhos manuais, penso que há, nesta cultura, posições bastante diferenciadas para homens e mulheres. Pude perceber esta diferença principalmente

através da língua.

Homens e mulheres têm dialetos diferentes, principalmente no nível fonológico, parecendo possível postular uma fonologia feminina e uma masculina para a língua pirahã. Também as mulheres não usam (pelo menos em frente a estrangeiros) o pronome pessoal de primeira pessoa [tʃe] ('eu, meu, minha'), sendo, portanto, uma diferença morfo-sintática entre os dialetos femininos e masculinos. Como Everett, não observei diferenças sintáticas entre ambos os dialetos, mas Sheldon e Sheldon (1973) colocaram que também estas diferenças existem.

Acrescentados aos fatores lingüísticos, algumas diferenças de postura podem ser notadas entre homens e mulheres. As mulheres são mais reservadas que os homens, no sentido que é mais difícil obter informações de mulheres que de homens, ou seja, as mulheres são mais resistentes para trabalhar como informantes. É mais comum as mulheres pirahã serem informantes de mulheres e homens de homens. É possível pesquisadoras trabalharem com homens, mas o contrário é extremamente difícil. Teixeira não conseguiu sequer uma informação de mulheres pirahã.

Pude observar melhor as mulheres e obter dados do dialeto feminino que passaram despercebidos tanto a Teixeira quanto a Everett, devido ao fato de eu ser do sexo feminino, e assim, ao contrário dos outros pesquisadores, ter recebido informações de mulheres.

Apesar de as mulheres, como os homens, caçarem, pescarem e fazerem trabalhos manuais, elas permanecem a maior parte do tempo conversando ou tomando sol. Quando trabalham ou cantam, seguem os

homens. Teixeira informou que, embora os pirahã saibam e pratiquem controle de natalidade, não acreditam ser a criança fruto direto de um ato sexual: a criança é dada à mulher pela natureza.

Muito embora não tenha observado julgamentos de valores de superioridade ou de inferioridade do homem em relação à mulher ou vice-versa, levanto a hipótese de que a posição de mulher pirahã aparece como daquela que segue, que recebe, mas não atua, não transforma. Sintetizo esta postura com o nome de "posição passiva". Esta hipótese é reforçada pela marca lingüística de as mulheres omitirem a principal marca de subjetividade, segundo Benveniste, a marca de primeira pessoa, como já foi dito.

Esta hipótese por mim levantada não foi testada por Teixeira ou Everett, pois, sendo homens, não conseguiram informações femininas.

Também pude perceber que, entre os pirahã, quando alguém presenteia alguém espera retribuição. Isto vale também para visitantes, nossos "presentes lingüísticos" foram retribuídos. Não é gentil perguntar o que querem em troca no momento da oferta, é necessário esperar um pedido ou implicitar-se o que é desejado. Mas, segundo Everett (comunicação pessoal), nem tudo o que os pirahã pedem deve ser ofertado, muitas vezes o pedido tem função fática, por exemplo despedida.

Não pude perceber se o presente da natureza dado à mulher, o filho, implica pagamento. Seria interessante observar este fato em um próximo contato.

O trabalho com os pirahã da região da Transamazônica não foi fácil, pois não é possível perguntar diretamente o que se deseja

saber, pois eles não falam português, assim como, com exceção de Everett e sua esposa, não éramos fluentes na língua pirahã. Todas as hipóteses culturais foram levantadas através da observação e através dos dados linguísticos disponíveis. Os dados linguísticos foram obtidos através de um questionário na língua pirahã orientado por Everett, que dirigiu o trabalho de campo.

Everett não observou nenhum ritual ou festa religiosa, mas Teixeira registrou a existência de vários rituais. Pessoalmente, o acontecimento mais próximo a um ritual que pude perceber foi o da doença e morte.

Certo dia a caminho da aldeia encontramos um índio abandonando no rio seu arco e flecha e dizendo que seu filho havia morrido. Ao chegarmos na aldeia encontramos toda a família em volta de uma criança doente, mas ainda viva. Não pude entender exatamente o que se passava, nem o que diziam. Apenas pude perceber que todos se pintavam de vermelho, com uma semente que creio ser urucum, choravam e afirmavam todo o tempo que a criança estava morta. Parece que a criança estava com tétano. Ela sobreviveu.

Infelizmente não tenho prática e métodos para observação de dados culturais. Este fato, acrescentado ao pouco tempo de permanência na aldeia, impossibilitou-me de entender mais alguns aspectos da cultura pirahã.

Os aspectos observados, no entanto, foram essenciais para a realização das hipóteses levantadas, pois foi a possibilidade de, enquanto mulher, aproximar-me de mulheres pirahã observando a posição feminina nesta cultura, acrescentado ao fato de eu ter presenciado a postura do pirahã frente à morte, que me possibilitou

explicar o espalhamento de nasalidade na discurso. Também o entendimento do que é presentear em pirahã que me permitiu explicar o funcionamento argumentativo da partícula hoagá.

Capítulo II

FONÉTICA E FONOLOGIA PIRAHÃ

I- Aspectos gerais da fonologia pirahã

1. Introdução:

Apesar de os fenômenos suprasegmentais terem sempre representado um problema para as teorias fonológicas, os modelos de análise de fonética e fonologia têm privilegiado o nível segmental das línguas, relegando o nível suprasegmental para um segundo plano. Este fato pode ser ilustrado pelo Estruturalismo, que optou por desconsiderar lingüístico tudo aquilo que não for fonêmico, e pela fonologia Gerativa Padrão, que optou por tratar os fenômenos suprasegmentais em termos segmentais, através de um arranjo linear de segmentos e fronteiras (cf. Hyman, 1975)

As fonologias pós-gerativas têm se preocupado com a autosegmentalidade. Entretanto, como diz Soares (1986)

"...estas vêm ainda tentando solucionar uma série de problemas teóricos dentro da esfera em que nasceram, e vêm ainda suscitando problemas relativos à intersecção teórica e ao papel da própria fonologia nos modelos lingüísticos"

A língua pirahã parece trazer uma evidência empírica para a necessidade de reformulação dos modelos de fonética e fonologia, dando uma maior importância aos fenômenos autosegmentais. Tem-se observado que as diferenças segmentais são um motivo bastante precário para distinguir entre elementos semelhantes e diferentes nesta língua amazônica (cf. Everett 1983). Parece que, no pirahã, o nível suprasegmental funciona apenas como um suporte para o nível suprasegmental.

Embora meu interesse seja a nasalização presente nesta língua, apresento rapidamente outros problemas fonético-fonológicos que, também eles, parecem apontar para a necessidade de teorias autosssegmentais para o entendimento da fonologia pirahã como um todo.

2. **Matriz fonológica:**

[illegible]

3. As Consoantes:

Rodrigues (em comunicação pessoal) informou que o quadro de fonemas da língua pirahã é o menor de todas as línguas conhecidas até o presente momento. Entretanto, nem por isto a fonologia desta língua é simples. Há muita neutralização, fazendo-nos não mais saber quais os traços distintivos.

/p/, /t/, /k/ e /ʔ/ são trocáveis em qualquer ambiente e em qualquer posição da palavra, sem que o sentido se altere.

Exemplos

[píaii] ~ [kíaii]	'também'
[ʔàpàpàý] ~ [kàkàkàý] ~ [ʔàʔàʔàý]	'cabeça'
[koʔopay] ~ [koʔokay] ~ [koʔotay]	'barriga'

No entanto, há realizações inaceitáveis pelos falantes (informação de Everett em comunicação pessoal):

*[pàpàpàý]	'cabeça'
*[pàʔàkàý]	'cabeça'

Parece haver, portanto, um espalhamento de ponto de articulação que afeta consoantes.

Também as palavras podem ser reduzidas:

[ʔapàpàý] ~ [ʔapàý] ~ [ʔakàý]	'cabeça'
[koáiy] ~ [kóy]	'morrer'

4. As vogais:

Everett (1983:208) diz que há três fonemas vocálicos em pirahã: " /i/ anterior média-alta; /a/ central baixa fechada; /o/ posterior média alta fechada arredondada. O /i/ é realizado (livremente) por todas as vogais anteriores médias e altas: [é], [e], [i], [ɨ]. O /o/ se realiza como posterior alta fechada arredondada [u] depois de /h/ ou /k/ e antes de /i/".

Mas, diferentemente do que afirmou Everett, nesta língua parece que todo o espectro vocálico é realizado foneticamente, sendo que, em muitos casos, há longas sequências vocálicas realizadas em um sentido do espectro:

[ʔ ayeo y]	'ponta de fogo'
[kaae y]	'casa'
[hw aawe]	'espingarda'

É possível, assim, questionar se nesta língua há realmente fonemas vocálicos como unidades, ou se existem direções vocálicas com função de fonema.

Assim:

Fonema 1: $a \rightarrow y$

Fonema 2: $e \rightarrow y$

Fonema 3: $a \rightarrow u$

Álvaro (em aula) propõe, ainda, outra alteração: a redução para apenas dois fonemas vocálicos. Diz ela que o padrão

u

i

a

indica, provavelmente, que o contraste é entre /a/ e /u/ e que o [i] pode ser derivado de ambos por manipulação dos traços alto (ou difuso) e posterior (ou compacto). Isso seria consistente com a hipótese das formas em /a/ e /u/ serem mais frequentes nas versões reduzidas das palavras. Também corrobora com esta análise o fato de [a] poder variar com [i], assim como [o] também poder variar com [i]:

[pěáħwěáǵǵăběsăǵ] ~ [pěáħwěáǵǵîbîhî] 'lanterna'

[ʔap:apaǵ] ~ [ʔaapaǵ] ~ [ʔaapaǵ] 'cabeça'

Diz ela ainda que o tratamento auto-segmental vai permitir derivarmos tanto ditongos como seqüências polissílabas de vogais a partir do mesmo mecanismo. Em $a \rightarrow i$ é o traço [-posterior] que se auto-segmentaliza. Em $u \rightarrow i$, isso acontece com o tra-

co [+alto]. Convenções de marcação preenchem os traços que faltam nos dois casos (respectivamente [+alto] e [-posterior]). Assim o [i] seria a vogal não marcada.

A proposta de Albano, apesar de muito interessante, penso ser refutável por exemplos que parecem demonstrar a necessidade de um terceiro fonema intermediário:

[ʔabage]	'tucano'
[tʃe]	'eu'
[setòy]	'ovo'

Somente estas questões já mostram que o sistema vocálico do pirahã necessita de mais estudos. Entretanto neste trabalho ainda assumirei o quadro vocálico proposto por Everett(1979):

i o
a

5. Os glides:

Há evidências de que os glides possam ser considerados como uma classe nesta língua: os segmentos [ɣ] e [w] (glides tradicionais) e [h] e [ʔ] (chamados glides II por Chomsky e Halle (1968) funcionam juntos como um conjunto de elementos relacionados à nasalização.

Entretanto, não é possível afirmar que os quatro segmentos sejam fonemas. É possível derivar [y] e [w] por regras. O fonema /o/ pode se realizar opcionalmente como [ɔ] ou [w] em posição assilábica, assim como /i/ pode se realizar como [ɪ] ou [y] nesta posição:

[ʔããɔpae]	'boca'
[ʔããwpaɪ]	'boca'
[ʔããwpaɪ]	'boca'

Já /h/ e /ʔ/ são fonemas.

Parece que estes dois segmentos podem ser colocados ao lado das consoantes, pois, com exceção da relação com a nasalidade, eles têm um funcionamento semelhante àsquelas.

Tanto /ʔ/ como /h/ podem se realizar alongados em qualquer posição da palavra.

Também há neutralização destes fonemas. /ʔ/ pode variar com /h/. Tenho evidência desta variação apenas em início de palavra.

[hi] ~ [ʔi]	'ele'
[hiagía] ~ [ʔiagía]	'portanto'

/ʔ/ pode variar com /k/ em posição inicial de palavra

[koʔopay] ~ [ʔoʔpay]	'barriga'
[kose] ~ [ʔose]	'olho'
[kao] ~ [ʔao]	'longe'

/h/ varia com /s/ no final de palavra :

[ʔapesí] ~ [ʔapehí] 'braço'

Em todos os dialetos registrados /h/ varia com /k/ , [ho] varia com [kw] e [hoa] varia com [kwa] e [ko] (cf. Everett, 1983):

[ʔahoaógeé] ~ [ʔakwaógeé] ~ [ʔakoógeé]	'nome próprio'
[hói] ~ [kwí]	'um'
[hoaga] ~ [koga]	'mas'
[hiaba] ~ [ka]	'não'

Nenhuma palavra pode começar por vogal . Neste ambiente há uma regra que acrescenta [ʔ] no início da palavra. Na junção de duas palavras ou morfemas /ʔ/ pode não aparecer. Uma sequência de [ʔ] e vogal ou vogais pode desaparecer no início ou final de palavra:

[geʔay] + [ʔaə] -----> [niʔaʔawe] ~ [niaə]	'seu nariz'
você nariz	

[geʔay] + [ʔaapáy] -----> [niaápay]	'sua cabeça'
você cabeça	

[eopayʔe] ~ [eopay] 'cachorro'

[ʔayíiso] ~ [giiso] 'isso'

[soʔóá] ~ [só] 'já'

[ʔebáapo] ~ [máapo] 'barco'

[ʔiboytohoj] ~ [moytohoj] 'navio'

Apesar da relação com a nasalidade, não há fortes evidências para mantermos os glides como uma classe independente. Portanto, parece que temos apenas duas classes nesta língua: classe dos segmentos com propriedade [+consonantal] e classe dos segmentos com a propriedade [-consonantal]. Foram apresentadas evidências de variação entre elementos consonantais e entre elementos vocálicos.

6. Tabela de Neutralização:

/p/ ~ /t/ ~ /k/ ~ /ʔ/

/h/ ~ /s/ ~ /ʃ/ ~ /k/

/a/ ~ /i/

/i/ ~ /o/

Em pirahã as variações e reduções apresentadas são possíveis porque o sentido pode ser recuperado durante o discurso pe-

los fenômenos suprasegmentais, principalmente pelos tons. Em palavras soltas as reduções e neutralizações ocorrem menos frequentemente.

Este fato corrobora com a interpretação de que nesta língua os fenômenos suprasegmentais são mais importantes que os segmentais.

7. Síllaba, Tom e Acentuação:

Everett tem trabalhado com estes três aspectos da fonologia pirahã, mostrando como os fatos desta língua oferecem forte apoio à teoria autosssegmental.

Apresentarei aqui, rapidamente, algumas conclusões do trabalho de Everett. Para uma maior discussão ver Everett 1988.

Em Everett (1979), cinco tipos silábicos foram descritos para o pirahã baseados em valores de moras (peso), intuição de falantes nativos e localização da acentuação. Estes tipos são: CVV, GVV, VV, CV e GV (C = consoante surda, G = consoante sonora, e V = vogal). Em Everett (1988) a seguinte regra de acentuação para o pirahã foi proposta:

" Stress the rightmost token of the
heaviest syllable type in the last three
syllable of the word"

(Everett, 1988:208)

Exemplos

.ʔa.ba.gi	'tucano'
.ʔa.ba.pa	'Amapá'
.bii.sai	'vermelho'
.pia.hao.gi.so.ai.pi	'comer banana'
.ho.aa.gai	'espécie de fruta'

Everett (1988) fazendo um estudo sobre sílaba e acentuação em pirahã mostra que:

A- Pirahã provides empirical support for the assumption that metrical constituent structure exists, in that syllables, words and phrasal feet are crucially referred to by rules of stress placement.

B- Binary trees alone are insufficient to derive the facts of pirahã stress. Either we adopt a ternary analysis or the grid must be retained as an explicit and crucial component of metrical theory.

C- If the ternary analysis is adopted, then we must also accept Hammond's (1986) revision of the OB parameter and Poser's (1986) notion of Invisibility.

D- Stress Clash Avoidance is neither a necessary nor sufficient condition for stress shift in Pirahã. Rather, this phenomenon is to be understood as the postlexical construction of three syllable domains with unique

heads."

Everett (1988:244-245).

Em relação aos tons, Everett, (1983:202) propõe quatro níveis fonéticos de tom:



Destes quatro tons fonéticos derivam apenas dois tons fonológicos. Diz ele que o sistema tonal do pirahã é de registros e não de "contornos" tonais, e ainda, que o tom funciona independentemente das unidades segmentais, ou seja, das vogais.

Apresenta ele os seguintes argumentos a favor de uma análise autosegmental dos tons em pirahã:

A- A fala assobiada

Assobiando os pirahãs podem comunicar qualquer coisa sem o uso de vogais e consoantes (sobre este canal ver mais adiante)

B- A Metátese

A metátese é um processo morfofonêmico do pirahã que afeta palavras que terminam em

$$\left[\begin{array}{c} \{ \text{?} \} \\ \{ \text{h} \} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \{ \text{ai} \} \\ \{ \text{oi} \} \end{array} \right]$$

quando seguidas por morfemas que começam por vogal. Apesar da metátese vocálica, o tom continua no mesmo lugar, sendo, portanto, independente das vogais (sobre este processo ver Everett 1979)

C- Os tons inter-relacionam-se com os processos morfofonêmicos.

Vimos que nesta língua é possível a variação entre fonemas porque o sentido é recuperável através dos tons principalmente, fato que aponta para uma grande importância dos fenômenos autosegmentais nesta língua. Vimos também que a análise de Everett sobre a sílaba, tom e acentuação também mostram a necessidade de teorias autosegmentais para o entendimento desta língua. E há ainda outros fatos que corroboram com a interpretação de que, em pirahã, o nível segmental é um suporte para o nível suprasegmental.

Diz Everett (1979:83) que "no pirahã há quatro maneiras de falar. A primeira e a mais comum é a fala "normal" a qual utiliza as consoantes, as vogais e os tons. As demais maneiras refletem a importância do elemento tonal nesta língua".

A fala cantarolada ('humming')

Everett afirma que "neste canal (tanto quanto nos outros) é possível comunicar qualquer coisa comunicável pela fala normal. Basta manter as relações e os padrões tonais para ser entendido. Este tipo de fala é empregado para conversar e comer ao mesmo tempo. Com a boca cheia é possível conversar sobre qualquer assunto sem interromper o processo de mastigação."

(Everett 1979:83)

A fala gritada

"No mato uma língua tonal tem muitas vantagens. Uma observação pessoal de tais vantagens ocorreu um dia buscando palha com seis homens pirahã. Separados às vezes por uma distância de meio metro, eles se comunicavam gritando. Mas estes gritos não envolviam consoantes. Nesta situação uma vogal [-ant] foi empregada como o canal para transmitir os padrões tonais. Meu guia, kòhòì-bèéhàì, traduziu: "ele viu uma cutia" (higàísàì ʔàbííei ʔáo ʔààgá ou ʔàííí kòbàí ʔàití").

Everett(1979:84)

A fala assobiada

"No pirahã é possível conversar assobiando. Este canal é útil na caça, na comunicação entre malocas, durante a noite, etc.

Nos "frames" empregados para a análise tonal, o informante kààbógi assobiou cada exemplo depois de tê-lo dado na fala normal. Na maioria das vezes ele assobiou duas formas, uma longa e uma curta. A forma longa, no caso das palavras fundidas, por exemplo, refletiu a forma original das duas palavras, enquanto a forma curta refletiu a forma fundida. Eu acredito que kààbógi não estava assobiando espontaneamente (isto é, como o faria com um falante nativo do pirahã) ao dar as formas longas, mas que estava tentando apenas me ajudar ao dar as formas curtas."

(Everett, 1979:85)

Parece, assim, que fica clara a importância dos fenômenos suprasegmentais nesta língua.

Penso que o modelo fonêmico não funciona para esta língua, assim como também parece não funcionar nenhum outro modelo amarrado à noção de cadeia segmental. Mas o problema vai mais além. Com esta língua não colocamos só a cadeia de segmentos em cheque, penso que a própria noção de cadeia é colocada em cheque. Nos modelos autossegmentais, cada autossegmento tem a sua cadeia e um desses níveis ou camadas é considerado básico para as regras de associação, ou seja, os elementos são acrescentados ou retirados desta camada, cuja ordem é considerada mais ou menos estável. Em pirahã é difícil determinar o nível básico. Seria a sílaba?

Talvez seja interessante considerar a camada tonal como a mais básica. Esta hipótese é corroborada pelas possibilidades das falas cantarolada, gritada e assobiada, que não conta com sons articulados, mas apenas com elementos suprasegmentais. Esta hi-

pótese foi sugerida por Albano em aula. No entanto, o desenvolvimento desta análise não será objetivo deste trabalho

Neste trabalho apenas utilizo noções de teorias autosegmentais, mostrando a necessidade destes modelos para a análise da fonologia desta língua.

II-A nasalização na língua pirahã: condicionadores lingüísticos

1-Introdução

Um dos modelos bastante usados para a descrição fonológica de línguas indígenas é a fonêmica, um modelo Estruturalista. Apesar de este modelo ser adequado para vários problemas, o mesmo não parece ser verdade para a nasalidade pirahã. Este modelo preocupa-se em criar escritas para línguas ágrafas, assim, preocupa-se com o nível fonológico. Diz Pike:

"Practical phonemics provides a technique for processing the rough phonetic data in order to discover the pertinent units of sound and to symbolize them in an alphabet easy for the native to read. The purpose of practical phonemics, therefore, is to reduce a language to writing"

Pike, 1947:57

Os fenômenos suprasegmentais têm uma importância reduzida dentro deste modelo, sendo apenas focado quando exercerem o papel de distinguir minimamente uma palavra de outra, ou seja, quando exercerem o papel de fonema. Aplicando a fonêmica de Pike, a nasalidade da língua estudada é tomada como fonética e, portanto, desinteressante de se estudar. A nasalidade presente nesta língua é um fenômeno suprasegmental que se espalha para além da

palavra e mesmo da frase, por isso penso que será possível estudá-la apenas a partir do enunciado. Os modelos Estruturalistas para o estudo fonético-fonológico não vão além do limite da frase.

2-Descrição

Embora foneticamente as vogais e certas consoantes do pirahã sejam nasalizadas, principalmente na fala feminina, não há vogais e nem consoantes intrinsecamente nasais nesta língua (cf. Everett, 1983:208), como mostram os exemplos abaixo:

1- [ʔāwēyhi]	[ʔaweyhi]	'perna'
2- [topagahāy]	[topagahay]	'gravador'
3- [ʔāpāytāy]	[ʔapaytay]	'cabelo'
4- [hóéé]	[hóee]	'arco'
5- [mēge]	[bege]	'chão'
6- [mōytōkōy]	[boytoho]	'barco'
7- [mōbo]	[bobo]	'doce'
8- [nēʔāy]	[geʔay]	'você'
9- [nātāhāy]	[gātahay]	'lata'

Apesar do traço [+nasal] não estar presente na representação subjacente da língua, a nasalização nesta língua traz vários problemas para a teoria fonológica.

Parece haver dois tipos de espalhamento de nasalidade nesta língua - o primeiro iniciado por alofone vocálico nasal, nasali-

zação esta que afeta apenas as vogais (exemplos de 1 a 4), e o segundo iniciado por alofone nasal consonantal que afeta consoantes (exemplos 5 a 9).

2.1-Nasalização I

Todas as vogais da palavra podem ser nasalizadas. Esta parece ser uma regra opcional no dialeto masculino, mas obrigatória no dialeto feminino.

Parece possível dizer que esta nasalização é provocada por uma vogal que se nasaliza e espalha o traço nasal para sua esquerda e para a sua direita para além da sílaba. Esta difusão de nasalidade, em fala lenta, é barrada por um segmento com a propriedade [+consonantal].

Exemplos

- 10- [peébõỹ] 'chuva'
- 11- [kopãỹ] 'olho'
- 12- [t]ẽhõã] 'milho'
- 13- [sápĩwã] 'chapéu'
- 14- [kãʔãõẽ] 'cesto de uma espécie de palha'
- 15- [gakãỹã] 'laranja'
- 16- [sõõõãga] 'linha'
- 17- [kãwã] 'canoa'
- 18- [ʔap:ap:ãỹ] 'cabeça'
- 19- [topagahãỹ] 'gravador'.

- 20- [ʔapãŋtãŋ] 'cabelo'
 21- [hĩõõhĩʔãŋ] 'céu'
 22- [tãŋhõãŋãŋ] 'é caldeirão'
 23- [ʔõãŋãpãŋ] 'ponta de fogo'
 24- [ʔãwẽ] 'orelha'
 25- [bẽẽʔõŋsãŋ] 'sabonete'
 26- [ʔẽpopãŋ] 'falanginha e falangeta'
 27- [kããẽẽŋ] 'casa'

Em alguns momentos, entretanto, a regra de bloqueio de nasalização não é respeitada. A nasalidade estende-se através da consoante, ultrapassando o limite da sílaba, da palavra e até mesmo da frase:

- 19- [tõpãgãhãŋ] 'gravador'
 10- [pẽẽbõŋ] 'chuva'
 26- [ʔẽpõpãŋ] 'falanginha e falangeta'
 28- [ʔĩgĩsãhãŋ] ʔãõ tãŋhõãŋ hĩ tãŋhõãŋ gẽ ʔãõã-

levar proibitivo estrangeiro panela ele panela você est.

bããŋ	ʔã	tãŋhõãŋ	ʔãõõẽẽhĩõŋ	tãŋhõãŋ
morrer		panela	est. baixinho	panela

'não leve a panela do estrangeiro, você morre pela panela do estrangeiro baixinho (= ele pode matar você)'

Como se vê, apesar de a nasalização se espalhar por todo o enunciado, ela "pula" as consoantes, ou seja, somente as vogais são afetadas pela nasalização. Este fato representa um problema para a teoria fonológica: afinal o mais comum é que também as

consoantes sejam afetadas pela nasalização. Também não temos mais um limite para a aplicação da regra e nem sabemos o que está provocado o fenômeno. Assim, parece melhor dizer apenas que, em pirahã:

[+nasal] e [-consonantal] tendem a co-ocorrer como propriedades fonéticas dos segmentos.

2.2-Nasalização II

Na língua pirahã há somente um caso de nasalização de consoantes. As oclusivas sonoras [b] e [g] são trocadas respectivamente pelas oclusivas nasais [m] e [ŋ] em início de frase ou depois de uma pausa de hesitação. No entanto, a aplicação desta regra é diferente do primeiro tipo de nasalização. Enquanto a primeira é obrigatória apenas no dialeto feminino, esta regra é obrigatória sempre.

29- [mege kaobe] 'cair no chão'

chão cair

30- [kapeega bege kaobe] 'caderno caiu no chão'

caderno chão cair

31- [kapeega // mege kaobe] 'caderno caiu no...chão'

caderno chão cair

32- [mẽẽʔoýsay gáʔahay apo] 'sabonete em cima da lata'

sabonete lata em cima

33- [mẽẽʔoýsay // náʔahay apo] 'sabonete em cima da... lata'

sabonete lata em cima

Diferentemente do primeiro tipo de nasalização, esta regra não ultrapassa o limite da sílaba, ela afeta apenas a vogal imediatamente vizinha a consoante nasalizada.

É necessário saber o que provoca a nasalização em ambos os ambientes (nasalização I e II) e entender o funcionamento de seus espalhamentos.

3- Hipóteses Explicativas

3.1- Glides e nasalização

Embora não se encontre um denominador fonético comum entre os sons [h], [ʔ], [w] e [y], Chomsky e Halle (1968:302,303,414) os reuniram como a classe dos "glides", aparentemente por terem comportamentos análogos em algumas línguas. Ainda que a proposta de Chomsky e Halle não seja aceita por outros foneticistas e fonólogos (cf. Ladefoged 1971:111), têm sido encontradas recentemente línguas indígenas sul-americanas em que aqueles sons pare-

cem constituir uma "classe natural", responsável pela nasalização, fato que representa uma evidência a favor da proposta de Chomsky e Halle.

A-Pirahã

O fenômeno da nasalidade associada aos glides, em línguas sul-americanas, foi primeiramente observado na língua pirahã. Everett (1983:208) observou que, embora não haja nesta língua vogais intrinsecamente nasais, as vogais do pirahã nasalizam-se opcionalmente em sílabas que contêm [h] ou [ʔ]. O estudo mais específico feito agora revela que as vogais se nasalizam não apenas em contato com [h] e [ʔ], mas também com [y] e [w].

Retomemos os exemplos dados anteriormente:

- | | |
|-----------------------------|-----------------|
| 01- [hĩõõʔiãỹ] | 'céu' |
| 02- [kãhĩããỹ] | 'é esteira' |
| 03- [tãỹhõããỹ] | 'é caldeirão' |
| 04- [hõẽẽ] | 'arca' |
| 05- [sápĩwã] | 'chapéu' |
| 06- [pẽẽbõỹ] | 'chuva' |
| 07- [tɔpagaãỹ] | 'gravador' |
| 08- [ʔõãỹãpãỹ] | 'ponta de fogo' |
| 09- [ʔãwẽ] | 'orelha' |
| 10- [mẽẽʔõỹsãỹ] | 'sabonete' |
| 11- [ʔãpãỹtãỹ] ~ [ʔapãỹtãỹ] | 'cabelo' |
| 12- [ʔãpapãỹ] [ʔapapãỹ] | 'cabeça' |

13- [ʔépopãŷ] [ʔépopãŷ] 'falanginha e falangeta'

Em exemplos como 1, 2, 3, 8 e 10 não podemos dizer qual é a fonte de nasalidade, pois ela se estende por toda a palavra ("spreading"). Mas exemplos como 4, 5, 6 e 12 mostram que a nasalidade só pode ser atribuída a [h], [ʔ], [w] e [y] respectivamente. Exemplos como 12 e 13 favorecem ainda mais a minha análise, pois separam duas sílabas nasais por uma oral, não deixando dúvidas de que a nasalidade é provocada por cada um dos glides, individualmente, no sentido de Chomsky e Halle.

Poder-se-ia pensar, ao contrário de Everett (1983:208), que o pirahã apresenta vogais intrinsecamente nasais e tentar explicar deste modo a nasalidade desta língua. Mas esta hipótese não me parece adequada aos fatos, pois onde não ocorrem os segmentos chamados glides por Chomsky e Halle, também não ocorrem vogais nasais.

- | | |
|------------------|-----------------|
| 14- [kaáee] | 'casa' |
| 15- [pée] | 'água' |
| 16- [kóse] | 'olho' |
| 17- [kápe] | 'café' |
| 18- [kap:eet]ée] | 'café em pó' |
| 19- [kápega] | 'papel' |
| 20- [t]eobá] | 'tipo de palha' |
| 21- [kaobee] | 'cair' |
| 22- [boo] | 'garganta' |
| 23- [tagasaga] | 'facção' |

Já que a nasalização das vogais pirahã não se dá onde não ocorrem os glides, parece-me imprópria uma análise que deixe de atribuir essa nasalização àqueles segmentos.

Também não me parece ser o fenômeno da nasalização provocada pelos glides uma idiossincrasia da língua pirahã, pois outras línguas o apresentam.

B- Sateré

O sateré é um dialeto da língua Mawé, do Tronco Tupi, falada no rio Andirá, no baixo Madeira, Amazonas.

Os dados desta língua foram retirados do trabalho de Graham e Graham (1978:224)

No sateré encontramos fenômeno semelhante ao encontrado no pirahã. Aqui não são as vogais, mas as oclusivas orais que se transformam em nasais quando precedem [h] e [w] através de fronteiras morfológicas.

24- /it + wakui/ [inwakui] 'ruim'

25- /at + hakup/ [anhakup] 'sol quente'

Como pode ser observado, temos nesta língua, como responsáveis pela nasalização, um elemento dos glides tradicionais (w) e outro daqueles que são chamados glides II por Chomsky e Halle (h), o que indica mais uma vez que há um denominador fonético comum entre os glides tradicionais e a oclusiva e fricativa glotais ("glides II").

C- Capanahua

O capanahua é uma língua da família Pano, falada na Amazônia Peruana.

Os dados provêm de um estudo de Safir (1982)

Também esta língua parece-me apresentar situação semelhante às outras línguas apresentadas anteriormente:

- | | |
|-------------------|----------------|
| 26- [wirãgãsaʔwĩ] | 'empurre isto' |
| 27- [põgã] | 'branco' |
| 28- [hosĩhãkĩ] | sem tradução |
| 29- [cĩʔĩ] | 'em chamas' |

Loos(1969) e Safir (1982) propõem que a nasalização das vogais desta língua é provocada por uma consoante nasal existente na estrutura profunda e que cai diante de [y], [w], [h] e ʔ (mas não cai diante de consoantes como, por exemplo, [k]). Embora a semelhança com o pirahã, decorrente da associação da nasalidade de vogais com a presença de glides no sentido de Chomsky e Halle, seja impressionante, a situação do capanahua é diferente na medida em que nesta língua os glides não nasalizam automaticamente as vogais contíguas, pois junto a eles ocorrem também vogais orais:

- | | |
|--------------|---------------|
| 30- [bãnawĩ] | 'plante isto' |
|--------------|---------------|

Portanto, as análises de Loos e Safir continuam parecendo apropriadas para este caso. Uma importante analogia com o pirahã subsiste ainda, entretanto, no fato de que em capanahua os glides revelam uma afinidade particular com a nasalidade, já que só eles, além da fronteira de palavra # (a propósito da qual, veja-se adiante), favorecem a eliminação de /n/ e a conseqüente nasalização das vogais. Assim, o Capanahua elimina o segmento nasal /n/ em fim de sílabas sempre que segue um segmento que favorece a nasalização vocálica, ou quando se segue pausa (ou silêncio), que também favorece a nasalização (cf. Rodrigues 1986).

D-Sudeste da Ásia

Devemos agora, lembrar o trabalho de Matisoff (1975), o qual mostra que a associação de segmentos glotais com a nasalidade não ocorre somente em línguas amazônicas, mas também em línguas de outras partes do mundo. Este autor observou que em várias línguas do sudeste da Ásia ocorre nasalização de vogais contíguas a [h] e [ʔ] (mas, aparentemente, não há evidências para [w] e [ɣ]):

1- Thai:

31- /hě̃/ [hě̃̃] 'parada'

32- /ʔō̃k/ [ʔō̃̃k] 'deixar, partir'

2-Lahu:

33-/hɔ/ [hɔ] ~ [hɔ̃] 'elefante'

34-/ɔ-ha/ [ɔ-ha] [ɔ-hã] 'espírito'

35-/ɔ-hɔ-l/ [ɔ-hɔ-l] [ɔ-hɔ-l̃] 'neto'

3-Lisu:

Sobre esta língua diz Matisoff (267): "...the relationship

between h-, vocalic onset, and nasalization was noted long ago by

(the missionary Fraser 1922(pp.3,4))".

Matisoff, com ajuda do foneticista Ohala, tentou explicar a

nasalidade das vogais vizinhas a [h] e [ʔ] dizendo que estes sons

podem favorecer a nasalidade porque são articulados mais abaixo

do véu palatino, deixando-o livre para estar em posição de reia-

xamento, isto é, abaixado, a mesma posição em que ele se encontra

na produção de sons nasais.

O problema é mais complexo do que pensaram Matisoff e Ohala,

pois é a classe dos glides no sentido de Chomsky e Halle, como um

todo, que favorece a nasalidade. Portanto, a hipótese de Matisoff

e Ohala torna-se insuficiente para explicar o fenômeno, pois ela

não pode explicar a nasalidade de segmentos vizinhos a [ɣ] e [w].

Se explicássemos da mesma maneira, seríamos forçados a dizer que

todas as vogais podem provocar nasalização (afinal todas são ar-

ticuladas abaixo do véu palatino) o que seria uma generalização

difícil de admitir.

Levanto outra hipótese.

Como praticamente todas as línguas que apresentam a nasalidade associada aos glides, apresentam também o que aqui foi chamado de nasalização II (nasalização depois de pausa), proponho que, talvez, os fenômenos devam ser estudados juntamente, como partes de um mesmo problema, e não mais como dois tipos de nasalização.

Rodrigues, em "Silêncio, Pausa e Nasalização" (1986), mostrou que a nasalização depois de silêncio ou pausa é bastante comum em línguas sul-americanas. Segundo ele:

"...na medida em que se torna conhecido maior número de línguas indígenas da América do Sul, particularmente de sua ampla porção andina, verifica-se que em diversas dessas línguas ocorre a nasalidade de segmentos nas fronteiras de enunciados e de palavras em situação em que a nasalidade só pode ser atribuída à imediata vizinhança com o silêncio que precede ou que segue os enunciados, à intercalação de pausa silenciosa ou à extensão analógica para as fronteiras de palavras em geral"

Acrescenta, ainda, o mesmo autor, que o mesmo fenômeno ocorre com as línguas cayapa, iranxe, sirionó, maxacali e karajá (além das evidências diacrônicas citadas por ele).

A nasalidade associada à pausa começou a ser observada nas línguas sul americanas por Rodrigues. Mas parece não ser um fenômeno exclusivo dessas línguas (cf. observação de Rodrigues sobre

o Coreano, 1986, nota 6). Pelos dados de Matisoff (1975) pode-se supor que este fenômeno ocorre também em línguas do sudeste da Ásia:

1- Lahu:

41- /ô/ [ô] ~ [ỗ] 'quatro'

42- /ô/ [ô] [ỗ] 'dobrar'

43- /ô-q̃/ [ỗ-q̃] [ỗ-q̃̃] 'búfalo d'água'

2- Lisu: "Of the nine simple vowels Fraser (1982) distinguishes, seven are always nasalized if there is no syllable-initial consonant" (pag.268).

Das seis línguas que apresentam a nasalidade associada aos glides (pirahã, capanahua, thai, lahu e lisu) quatro apresentam também a nasalidade associada à pausa: pirahã, lahu, lisu e capanahua¹, onde a consoante nasal existente na estrutura profunda cai diante de #, como vimos anteriormente.

Como já mencionei, a co-ocorrência destas duas nasalizações parece-me indicar que os dois fenômenos possam ser partes de um mesmo problema. Portanto, proponho uma hipótese de união entre os sons [k], [ʔ], [w] e [ɣ] com #. Podemos dizer que a nasalidade é favorecida por articulações laringais assilábicas de diferentes graus de abertura (escala sugerida por Rodrigues em comunicação pessoal):

- ʔ: fechamento completo da laringe
- ɰ, w: fechamento restrito da laringe
- h: abertura restrita da laringe
- ʍ: abertura completa da laringe

Esta hipótese não explica suficientemente o problema de esta classe, como um todo, provocar a nasalização, mas corresponde a um início de organização destes fenômenos.

Assim, apesar de a proposta de Chomsky e Halle de associar a oclusiva e a fricativa glotais aos glides vocálicos ser rejeitada explicitamente por Ladefoged, o qual considera no mínimo contra-intuitivo a atribuição da propriedade sonorante às primeiras (Ladefoged 1971:109), que ele qualifica de "verdadeiras consoantes" (iii), os fatos aqui apresentados parecem favorecer aquela proposta e dar base para um estudo mais aprofundado que tente encontrar um denominador fonético comum entre estes sons capaz de provocar nasalização.

Vários trechos da língua pirahã foram analisados no espectrógrafo na tentativa de encontrar este denominador fonético comum, mas nada de novo foi encontrado. Também nenhuma nova pista neste sentido foi achada em textos.

Assim creio que esta hipótese, apesar de muito interessante, deve ser, pelo menos momentaneamente, abandonada, a fim de um outro caminho ser procurado.

3.2- A Nasalidade Como Ponto Neutro de Articulação de Voz

Tentando explicar o aparecimento da fala nasalizada em pira-kã, outra hipótese foi levantada em discussão com Maria Bernadete Abaurre e Aryon Rodrigues.

Chomsky e Halle (1968:300) definiram um ponto neutro para a produção de fala. Disseram eles:

In most x-ray motion pictures, of speech, it can readily be observed that just prior to speaking the subject position his vocal tract in a certain characteristic manner. We shall call this configuration the "neutral position" and shall describe some of the ways in which it differs from the configuration of the vocal tract during quiet breathing. In the latter stage the velum is lowered, thereby allowing air to pass through the nose, in the neutral position, on the other hand, the velum is raised, and the air flow through the nose is shut off. The body of the tongue, which in quiet breathing lies in a relaxed state on the floor of the mouth, is raised in the neutral position to about the level that it occupies in the articulation of the English vowel [e] in the word 'bed', but the blade of tongue remains in about the same position as in quiet breathing".

Matisoff(1975), como vimos, com ajuda do foneticista Ohala, tentou explicar a nasalidade das vogais vizinhas a [h] e [ʔ] dizendo que estes sons podem provocar a nasalidade porque são articulados mais abaixo do véu palatino, deixando-o livre para continuar em posição de relaxamento - abaixado- a mesma posição em que ele se encontra na produção de sons nasais. Diz ele que:

Raising the velum requires a certain amount of muscular effort, and human beings are notorious for operating according to the "principle of least effort"... It was found the glottal consonants like [h] e [ʔ] seem to require neither a raised nor a lowered velum, "but instead allow the velar elevation to be determined by neighboring consonants and vowels" (Ohala 1972:1168). This is in sharp contrast both to obstruents (which require a totally raised velum) and to nasal consonants which forbid a totally raised velum)".

Matisoff (1975:270)

Generalizando ainda mais, todos os segmentos com a propriedade [-consonantal] são produzidos abaixo do véu palatino, deixando-o livre para ser condicionado pelos segmentos vizinhos ou para ficar na posição de silêncio ou relaxamento.

Se Matisoff está certo ao afirmar que humanos tendem a operar de acordo com a lei do menor esforço, pode-se questionar se a posição neutra de articulação de voz é mesmo a da oralidade. Tal-

vez seja a posição de nasalidade, posição que requer menos esforço ao permitir que o véu palatino continue em posição de relaxamento.

Se esta hipótese fosse comprovada, o problema em relação à explicação de Matisoff e Ohala apontada em 3.1 deixa de existir, pois os glides e as vogais funcionariam como uma mesma classe, que não provoca nasalização, mas sim, que não a bloqueia. De acordo com esta hipótese a fala nasalizada seria barrada por segmentos com o traço [+consonantal] porque estes segmentos exigem o levantamento do véu palatino, ou seja, exigem que o véu palatino saia da posição rebaixada.

Esta hipótese pode ser corroborada pela grande frequência da fala nasalizada em línguas indígenas brasileiras e estrangeiras.

Há, entretanto, um problema que parece refutar esta hipótese. Na língua pirahã não há palavras começadas por segmentos com a propriedade [+vocálico], mas há palavras terminadas por eles. Embora a nasalidade esteja presente em palavras que terminem por [y] e [w], ela não é presente quando elas terminarem por vogais verdadeiras:

[ʔãpapãʔ] 'cabeça'

[kadeé] 'casa'

[kããẽẽũ] 'casa'

De acordo com a hipótese levantada, vogais e consoantes deveriam funcionar da mesma maneira. Parece, portanto, que a hipótese anterior (os glides são capazes de provocar nasalização)

continua sendo preferida.

3.3- Nasalidade e Glotalidade

Como vimos, Rodrigues sugeriu que a nasalidade pode ser favorecida por articulações laringais assilábicas de diferentes graus de abertura:

?: fechamento completo da laringe

y,w: fechamento restrito da laringe

h: abertura retrita da laringe

#: abertura completa da laringe

Albano (em comunicação pessoal), partindo da escala de Rodrigues, sugere que o traço [+glotal] pode ser responsável pela nasalização e sugere a seguinte hipótese levando em conta o quadro da fonologia não linear:

(1) Na estrutura subjacente, certas posições consonantais recebem a seguinte atribuição de traços:

traços de i e u -----> glides

traço da vogal seguinte -----> h

nenhum traço -----> ?

(2) Há, também na estrutura subjacente, um auto-segmento "constricção glotal" ou "não expansão laríngea" (rótulo controverso) que se associa aos segmentos acima. A regra diz simplesmente que o auto-segmento se associa a consoantes vazias ou com traços vocálicos.

(3) Há uma regra fonológica de associação do auto-segmento glotal com o traço de nasalização. Ele se torna, assim, glotal e nasalizado.

(4) Ocorre, em seguida, a auto-segmentalização da nasalidade, que passa a ser um autossegmento independente.

(5) O autossegmento derivado (nasal) associa-se a qualquer sequência não interrompida de vogais, podendo ou não manter-se associado aos segmentos desencadeadores.

Esta hipótese é corroborada pelo fato de que no dialeto feminino, onde a nasalização sempre é presente, haver o uso muito freqüente de fala glotalizada ou laringalizada. Também as mulheres posteriorizam vários dos fonemas, por exemplo, /s/ é pronunciado por elas como [s̠] ou [h̠].

Para sustentar essa análise seria necessário buscar evidências para as seguintes afirmações:

(A) Os glides são, na maioria das vezes, glotalizados

(B) Há uma conexão fonética natural entre glotalização e nasalização.

Albano (em aula) sugeriu que a nasalização pode ajudar a diminuir a pressão supra-glótica, permitindo a fonação [ɣ], [w], [h] ou a liberação da oclusão [ʔ].

Parece-me que o tratamento da nasalidade como um fenômeno autosegmental é o mais adequado para a língua pirahã, fato este que pode ser observado pela própria fonologia da língua. Acredito também que a análise agora apresentada é atraente porque, ao contrário do que prevêm os traços [-voc., -cons.] de Chomsky e Halle, não obriga a uma classe natural. Respeita uma escala em que [h] e [ʔ] estão juntos por serem intrinsecamente glotais e [ɣ] e [w] estão juntos por não oferecerem obstáculo à glotalização (isto é, não serem especificados quanto ao conteúdo laríngeo obrigatoriamente). Além disso, acena com uma conexão (articulatória ou perceptual) entre as glotais e nasais.

Entretanto, parece haver, mais uma vez, um problema que refuta a hipótese levantada. Nesta língua o traço [+nasal] não pode ser colocado na estrutura subjacente, penso ser ele um traço pós-lexical.

III-Nasalização e discurso

1-Introdução

Parece que a hipótese mais forte para a explicação do fenômeno é aquela que diz que os glides no sentido de Chomsky e Halle provocam nasalização. Entretanto, nenhum denominador fonético comum existente entre eles, capaz de causar este fenômeno, foi encontrado.

Isto mostra que este estudo deve ser continuado. Entretanto sua continuidade em termos exclusivamente fonético-fonológicos não será objeto desta dissertação.

Ainda que resolvido o problema dos condicionadores internos da nasalização pirahã, restaria o problema do uso da voz nasalizada. Parece que o espalhamento do primeiro tipo de nasalização pode ser explicado através das noções de discurso e polifonia.

2-Descrição

A qualidade de voz nasalizada é mais freqüente na fala feminina. No levantamento lingüístico feito em janeiro de 1986, notou-se que a fala nasalizada é sempre presente na fala feminina, mas o mesmo não é verdade em relação à fala masculina.

Devido a este motivo pensou-se, a princípio, que a qualidade de voz nasalizada poderia ser uma marca do discurso feminino.

Há, no entanto, falas masculinas extremamente nasalizadas, mostrando que os condicionadores lingüísticos da nasalidade, se

sempre funcionam no dialeto feminino, funcionam também, às vezes, no masculino.

Na transcrição de narrativas observei que, embora elas tenham sido contadas por um homem, a fala nasalizada ocorre muito, havendo uma variação entre trechos totalmente orais, pouco nasais e muito nasais, sendo que em todos estes trechos os sons [h], [ʔ], [ɣ] e [w] estão presentes.

Este fato sugere que o fenômeno estudado não obedece apenas fatores lingüísticos. Analisando uma destas narrativas foi possível observar que vários dos trechos muito nasais estão coincidindo com o uso constante do pronome [tʃe] 'eu', apontando para um elo entre nasalidade e subjetividade.

Já que o problema se relaciona com um problema fonético-fonológico, a nasalidade, seria de se esperar que os modelos de fonética e fonologia pudessem explicá-lo. Entretanto estes modelos não podem dar conta do fenômeno levantado. A fonêmica (Estruturalismo) tem a língua como objeto de estudo, tomando-a como um fato independente do sujeito que a fala. As Fonologias Gerativas ao trazer a competência inata do falante para tema de estudo, trouxe também o homem/sujeito para o centro da discussão. No entanto este sujeito é idealizado. Assim, também estes modelos são insuficientes para explicar o problema levantado. Penso ser este um problema que somente poderá ser explicado se formos além do nível fonético-fonológico e buscarmos fora dos modelos de análise de fonética e fonologia explicações para o fenômeno.

3-Hipóteses Explicativas

As propostas de análise experimentadas até aqui apontam para a necessidade de modelos teóricos mais adequados à realidade das línguas. A língua pirahã parece trazer uma evidência empírica para a necessidade de reformulação dos modelos de fonética e fonologia, dando uma maior importância aos fenômenos suprasegmentais. Nossos dados mostram a necessidade da reformulação dos modelos fonológicos atribuindo-se maior importância aos fenômenos suprasegmentais.

Se estes pudessem ser explicados, restaria ainda um problema relacionado ao uso da fala nasalizada nesta língua que parece não poder ser solucionado pelas fonologias autosegmentais: o aparecimento/apagamento da fala nasalizada em narrativas não obedece os condicionamentos linguísticos. Levanto a hipótese de que a qualidade de voz nasalizada, em textos, relaciona-se com a posição em que o sujeito que fala se coloca no discurso. Parece, portanto, que é necessário trazer a questão da subjetividade e a noção de discurso para dentro do estudo, o que implica, ao menos em certo sentido, dissolver distinções firmemente estabelecidas.

Antes do século XIX, a Linguística não era considerada uma ciência autônoma. Apenas com Saussure, no início deste século, (Curso de Linguística Geral, publicado em 1916), ao estabelecer como tarefa da Linguística a descrição sistemática dos fatos das línguas naturais é que o estudo da linguagem ganha estatuto de uma ciência independente.

Foi necessário para isso, entretanto, o recorte do fenômeno da linguagem entre aspectos considerados cientificamente relevantes e aspectos considerados irrelevantes. Como em toda a construção científica, houve, assim, algumas reduções no programa de Saussure. A língua, neste modelo, se distingue da linguagem, não somente enquanto capacidade semiótica de natureza psicológica, mas mesmo enquanto atividade social. Assim o sujeito, com suas variações psicológicas, históricas e sociais foi esquecido; a língua enquanto estrutura autônoma ficou sendo o objeto da ciência da linguagem. A fonologia de linha Estruturalista continua até hoje excluindo o sujeito de seu estudo, sendo insuficiente para o estudo da nasalização em pirahã como um todo.

Para Chomsky, com o Gerativismo, a linguagem passa a ser uma propriedade inata ao homem, e uma teoria lingüística deve explicitar o lingüístico nele internalizado. Assim um modelo de aquisição da linguagem pode ser considerado como um mecanismo MA:

dados lingüísticos primários ----> MA ----> gramática

"Este mecanismo tem como input o tipo de dados usados pela criança que adquire a linguagem, e fornece como output a gramática que é, de alguma maneira, internamente representada pela criança, e que expressa seu conhecimento implícito. Uma descrição lingüística alcança o nível de adequação observacional se ela fornece uma explicação correta do input para o MA, e alcança o ní-

vel de adequação descritiva se ela fornece explicação do output do MA. Uma teoria lingüística alcança o nível de adequação explicativa na medida em que ela consegue a estrutura interna do MA e assim mostrar como a gramática descritivamente adequada surge dos dados lingüísticos primários ... Deste modo os níveis de adequação observacional, adequação descritiva e adequação explicativa relacionam-se, respectivamente, ao input, output e estrutura interna do MA"

(Chomsky e Halle, 1965)

Chomsky critica o Estruturalismo por não ir além da adequação observacional, pois somente rearranja e organiza os dados de um corpus de várias maneiras. O gerativismo, defendem seus seguidores, se interessa por gramáticas que tentam alcançar o nível de adequação descritiva e teorias lingüísticas que tentam alcançar o nível de adequação explicativa.

Tem este modelo, portanto, a mente humana como objeto de estudo.

Se o objeto científico agora é a mente do homem, o sujeito da linguagem ganha importância para a Lingüística: não é mais uma língua sem falante que interessa para o estudo da linguagem.

Entretanto, de certa forma, subsiste ainda a dicotomia língua-fala de Saussure. Agora trata-se de competência e desempenho. A língua que, no Estruturalismo, é um sistema de signos estrutu-

rados por um princípio de classificação e depositado na memória do homem como um "tesouro da língua", é substituída pela competência, concebida como um sistema finito de regras e princípios restritivos que fornece ao falante a possibilidade de construção, reconhecimento e interpretação do conjunto infinito de frases aceitas em sua língua. A Gramática Gerativa é uma representação formal dessa competência.

Deste modo, o sujeito que parecia reincorporado pela perspectiva psicológica, fica novamente excluído pelo fato de a teoria visar princípios e regras universais e independentes da atividade (performance) do sujeito, dos fatores culturais, sociais, políticos e ideológicos. Procurando o que é universal, esta teoria não pode incorporar a subjetividade senão como uma idealização. Nas palavras de Coudry (1988) esta teoria considera apenas um sujeito "médio normal", um sujeito "idealizado".

Assim, se o Estruturalismo vê a língua como autônoma, o Gerativismo vê o homem desta forma. Dentro da fonologia não é possível considerar a subjetividade e, portanto, também não é possível estudar o problema da nasalização pirahã como um todo dentro da teoria Gerativa.

Penso ser necessário buscar fora dos estudos fonéticos-fonológicos noções que possam auxiliar na compreensão do fenômeno estudado.

Benveniste (1976) coloca a que a linguagem "está" no homem, isto significa que ela não é "fabricada" pelo homem, como são os instrumentos materiais. A linguagem é parte da natureza humana, é ela que constitui o homem como sujeito, pois é ela que fundamenta

o homem na sua realidade, a realidade do ser. Assim é a linguagem que fundamenta o conceito de *eu*. Este autor coloca que o pronome pessoal de primeira pessoa singular se distingue de todas as designações que a língua articula, pois não remete nem a um conceito e nem a um único indivíduo. Não há conceito *eu* englobando todo os *eu(s)* que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito *árvore* ao qual se reduzem os empregos individuais de *árvore*. O *eu* só refere ao presente, ou seja, no momento em que se fala: é um termo cuja referência só pode ser identificada dentro de uma instância de discurso.

Sabe-se, também, que o dizer não é apenas do domínio do locutor: está veiculada com as condições de produção e com outros dizeres.

Bakhtin, partindo dos textos de Dostoiévski, nega o sujeito(locutor) como origem do significado. Mostra ele a possibilidade de a construção do sentido ser feita a partir de enunciados, até mesmo com oposição de sentido, em função dos enunciadorees. É a sua tese de que romances de Dostoiévski são polifônicos.

Assim, defende ele a tese de que em Dostoiévsky tem-se uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis; não uma "multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência do autor, se desenvolve nos seus romances, é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade" (Bakhtin, 1981:2).

Coloca ainda este autor que nos romances de Dostoiévsky interpretar o mundo implica em pensar todos os seus conteúdos como simultâneos e atinar-lhes as inter-relações em um corte temporal. As idéias não vivem isoladas na consciência individual de um homem, pois assim sofreria degeneração e morreria; elas adquirem vida quando estabelecem relações dialógicas com as idéias dos outros. Afirma ele, portanto, que a consciência humana é dialógica.

Assim, o sujeito de Bakhtin já não é origem do significado. Embora sua teoria da polifonia tenha origem nos textos de Dostoiévski, o autor inaugura uma reflexão importante não só para a literatura, mas também para a análise do discurso, para a sociolinguística, para a teoria da enunciação e para a pragmática contrapondo :

diálogo	X monólogo
múltiplo , plural	X único
o autor dentro de um	X um e outro
heterogeneidade	X homogeneidade
relativo	X absoluto, central

Diz Bakhtin que:

"Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto de interação

do locutor e ouvinte. Toda a palavra serve de expressão a um em relação ao outro".

(Bakhtin, 1984:113)

Ducrot(1987), com a Semântica Argumentativa, levando em conta o trabalho de Bakhtin, questiona a unicidade do sujeito falante em qualquer uso da linguagem. Bakhtin mostrou a presença da polifonia nos textos de Dostoiévsky; Ducrot defende que a polifonia está sempre presente na língua, não só em textos ,mas também em enunciados isolados:

"...esta teoria de Bakhtin, segundo meu conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja , a sequências de enunciados, jamais aos enunciados de que são estes textos constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz."

(Ducrot, 1987:161)

Para ele, a Semântica Pragmática ou a Semântica Lingüística é a disciplina que tem por objeto a ação humana que é efetuada por meio da linguagem, havendo a necessidade de considerar a atividade interindividual que é realizada no diálogo.

Este autor e seus seguidores redefiniram o termo polifonia como a "incorporação que o locutor faz em seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos

... ao(s) interlocutor(es) ou a opinião pública em geral." Para distinguir as diferentes vozes dentro da enunciação, a teoria fornece as seguintes distinções conceituais referentes às personagens enunciativas: o falante, que é o ser da experiência, o autor empírico da linguagem produzida; o locutor, que é o ser do discurso, apresentado como responsável pelo enunciado; e o enunciatador, que é o ponto de vista, a perspectiva que o sentido veicula. Ele pode apresentar-se assimilado ao locutor, ao falante ou a nenhuma dessas entidades.

Ducrot faz uso da noção de polifonia a fim de descrever o jogo argumentativo presente na linguagem, mostrando como um locutor faz uso da fala de um ou mais enunciatadores, trabalhando-as de modo a dar a direção argumentativa que lhe interessa. Creio que é possível explicar o problema relativo ao espaçamento da nasalização se empregarmos da Semântica Argumentativa a noção de polifonia. Entretanto, ainda que a Semântica Argumentativa de Ducrot tenha trazido o sujeito para o estudo científico da linguagem rompendo com a crença na sua unidade ao mostrar a alteridade se faz presente na construção do sentido, penso que Ducrot continua privilegiando o EM no binômio identidade-alteridade ao afirmar que tudo na língua é argumentação, colocando o sujeito como sempre capaz de dirigir seu interlocutor de acordo com sua intenção e usando a noção de polifonia apenas como uma noção útil para a descrição do fenômeno da argumentação. Desse modo a Semântica Argumentativa de Ducrot continua, de certa forma, salvaguardando a autonomia do sujeito.

Guimarães (1987), ainda que esteja ligado a Semântica Argumentativa, critica esse ponto em Ducrot, defendendo uma Semântica articulada à teoria da Análise do Discurso. Coloca ele:

"A nossa concepção de linguagem, então, é de que ela é um fenômeno histórico que funciona segundo um conjunto de regularidades, socialmente constituídas, que se cruzam e podem ir permitindo mudanças nos fatos sem que isso possa ser visto como desvio ou quebra de uma regra. Quanto a uma língua, diríamos que ela é uma dispersão de regularidades que a caracteriza, necessariamente, como fenômeno social e histórico."

O trabalho deste autor se configura no interior de uma Semântica da Enunciação. Entretanto não se trata de mais da Semântica da Enunciação de Benveniste (apropriação da língua pelo sujeito) e nem se trata mais da concepção de Ducrot e Anscombre (1977) de uma enunciação definida como uma atividade do locutor em produzir um enunciado para dirigir argumentativamente seu interlocutor. Guimarães, ligando-se a Análise do Discurso, vê a enunciação independentemente do sujeito, definindo-a como "evento histórico do aparecimento do enunciado". Diz ele que a noção de sujeito é fundamental, já que não há discurso sem sujeito, mas é necessário uma de-centralização desta noção:

"...o conceito de discurso despossui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados dos textos...os processos discursivos não se originam no sujeito, ainda que se realize nesse sujeito."

(Orlandi e Guimarães, 1986)

Penso ser importante para um estudo em língua indígena considerar fatores de subjetividade e também culturais, deixados de lado pelo Estruturalismo na fonologia, que tem a língua como objeto de estudo independente de quem a fala, e também pelo Gerativismo, que tem a competência lingüística inata como objeto de estudo.

Na cultura pirahã as mulheres não pronunciam o pronome de primeira pessoa (pelo menos em frente a estrangeiros). Minha hipótese inicial era de que elas marcam sua posição com uma voz nasalizada que se espalha pelos enunciados. No entanto parece que a hipótese de que a qualidade de voz nasalizada marca feminilidade e subjetividade se quebra: foram coletada várias narrativas contadas por homens e nestas narrativas há a ocorrência da qualidade de voz nasalizada.

Considerando a noção de polifonia é possível não abandonar a hipótese de que a voz nasalizada marca posição de mulher na cultura pirahã. A narrativa analisada conta a história de quando toʔenó (uma mulher) argumentava tentando convencer seu marido ʔáy de não viajar com o estrangeiro. É possível levantar a hipótese de que, na narrativa, temos trechos nasalizados quando o

narrador toma a posição da personagem feminina. Deste modo a hipótese pode ser retomada.

Mas, mais uma vez, a hipótese torna-se refutável: há um trecho muito nasalizado e o narrador está na posição de um homem, o personagem *ʔaʔáy*:

[tʃẽ ʔabãʔáỹ pãỹ tʃẽ pãỹ hĩãǵã hõãǵãỹ... tʃẽ õãbããhõỹsõ]
 eu sozinho magro eu magro estar vir eu morrer co-
 meçar

"eu estou magro e sozinho, eu estou ficando magro...eu estou começando morrer"

Também, em um ritual, quando alguém incorpora o espírito *kaoaybegé*, tem um discurso caracterizado por uma voz "chorosa", murmurada e nasalizada. Apesar de as mulheres também incorporarem esta entidade, geralmente o *kaoaybegé* é encorporado por homens. Este fato também parece negar a hipótese levantada.

Entretanto, é possível observar que estes homens não estão em momentos normais de suas vidas.

O primeiro está morrendo. Penso que nesta cultura há posições sociais bastante distintas para homens e mulheres. Estará o homem na hora da morte assumindo uma posição de mulher? Nota-se também que nesta hora, como foi dito, o pronome de primeira pessoa está sendo usado várias vezes. Foi observado que as mulheres têm problemas com o uso deste pronome, mas não os homens. Temos aqui um homem tomando a posição de uma mulher, mas usando o pronome de primeira pessoa. Temos informações em conflito. Há, as-

sim, por resolver, um problema relacionado ao sujeito que fala.

Voltemos à hipótese que considera os glides responsáveis pela nasalização. Do ponto de vista observacional, a única coisa que ela pode exigir, é a presença de glide para que haja [+nasal], mas como inexiste limites para esta influência, quer de ordem fonológica - [+consonantal] não barra a nasalização, quer de ordem morfológica - [# #] (fronteira de item lexical) não barra nasalização, quer de ordem sintática - [#] (fronteira de sentença) não barra nasalização, poderíamos abandonar a hipótese de que glide e sua presença seja o único elemento que provoca nasalização nos segmentos com o traço [-consonantal]. Lembremos também que, nos textos, a presença da nasalidade deixava de estar relacionada com os glides, afinal havia trechos onde os glides estavam presentes mas não a voz nasalizada.

Ora, isto nos permite perguntar: por que, nesta língua, há sequências nasais e sequências orais? Quando ocorrem?

Penso ser possível buscar a explicação para o fenômeno de nasalidade em pirahã, não mais no segmento, mas no discurso, vendo este problema como um fenômeno discursivo. Acredito também que esta hipótese pode ser "casada" com uma análise suprasegmental da nasalização e também com a hipótese apontada por Albano de o tom ser a camada básica em pirahã.

Teixeira (em comunicação pessoal) disse que o espírito com voz nasalizada, *kaoybegé*, ao contrário das outras entidades, é vítima, é ele que recebe a ação dos outros espíritos.

Também o ser humano tem uma posição passiva diante da morte, uma vez que a ele somente é possível recebê-la, não é possível

evitá-la.

Sabemos que também a mulher pirahã tem uma posição de passividade.

Minha hipótese é, portanto, de que o discurso nasalizado marca a posição do sujeito passivo, do sujeito que não transforma, ou ainda do sujeito que apenas recebe.

Portanto, parece-me correta a análise de que a voz nasalizada x a qualidade de voz oralizada em textos marca a distinção entre sujeitos que atuam e de sujeitos passivos. Em outras palavras, levanto a hipótese de que a voz nasalizada marca o discurso de passividade. Na narrativa analisada, os enunciados nasalizados marcam a fala da mulher e da morte mesmo quando o locutor é homem, daí seu caráter polifônico (na terminologia de Authier, de uma heterogeneidade marcada). São falas que são incapazes de mudar uma realidade, a estes seres só cabe receber da natureza.

Mas ainda assim não temos o fenômeno da nasalização pirahã satisfatoriamente resolvido. Foi resolvido o porquê do aparecimento de nasalidade nos elementos [-cons.], mas ainda temos o aparecimento de nasalidade em consoantes, sendo este um fenômeno obrigatório tanto no chamado discurso passivo, quanto no ativo. Assim parece correto voltar a postular que temos dois tipos de nasalização em pirahã: um primeiro que afeta apenas os elementos [-cons.] do discurso "passivo", e um segundo que afeta consoantes em ambos os dialetos, mas que não ultrapassa o limite da sílaba. Temos um problema de "spreading" de nasalidade para a teoria fonológica, afinal o mais comum é que vogais e consoantes sejam afetadas do mesmo modo.

Parece-me que este problema foi resolvido saindo dos modelos fonológicos. Temos no segundo tipo de nasalização um problema fonológico resolvível pela hipótese de Rodrigues que considera o silêncio capaz de condicionar nasalização; e temos um outro tipo de nasalização relacionada à presença de glides (não há nasalização onde não ocorreram os glides) mas cujo "disparo" depende de fatores extra-linguísticos, uma vez que é possível não ocorrer uma fala nasalizada mesmo em presença daqueles segmentos. É possível explicar o "spreading" desta nasalização em termos discursivos².

Notas

(1) Em comunicação pessoal, durante o II Congresso Nacional de Fonética e Fonologia (Brasília), David Fortune disse que em Karajá as vogais se nasalizam em contiguidade com [h] e também em início de palavra. Temos, portanto, mais uma vez a co-ocorrência dos dois fenômenos (glides e nasalização, e pausa e nasalização) em uma mesma língua.

(2) Parece ser possível também dar uma base em termos fonológicos para o fato de dentro de uma mesma língua vogais e consoantes funcionarem diferentemente. A teoria da fonologia multi-linear, uma teoria autosegmental, vê a possibilidade da cadeia fônica ter vários planos, tornando possível analisar vogais e consoantes em planos distintos, com diferentes funcionamentos. Esta análise parece-me compatível com a análise discursiva aqui apresentada.

Vimos (cap. II) que na língua pirahã parece haver duas classes: classe dos segmentos de traço [+consonantal] e classe dos segmentos com o traço [-consonantal] (classe dos glides e vogais), estas duas classes foram propostas com base nos diferentes funcionamentos destes dois tipos de segmentos. Lembremos também o fenômeno da neutralização de consoantes na língua estudada. Uma palavra como ?ápápáy 'cabeça' pode ser dita como kàkàkàý e como ?à?à?àý, mas é impossível ocorrências do tipo *pápápáy ou *pà?àkàý. Parece que temos uma regra de espalhamento de ponto de articulação que afeta consoantes. Estes fatos parecem-me argumen-

tos a favor da postulação de separar em diferentes camadas vogais e consoantes.

No caso da nasalização temos uma regra de espalhamento do traço [+nasal] que afeta apenas elementos de propriedade [-consonantal]; esta nasalização sofre também leis discursivas. E parece que temos uma segunda regra de nasalidade que afeta o plano consonantal.

Fica evidenciado, assim, que a teoria da fonologia multi-linear pode ser bastante adequada para o problema, mas o desenvolvimento desta análise fica para um trabalho futuro.

Capítulo III

ARTICULADORES DE ENUNCIADOS EM PIRAHÃ

I-Introdução

No capítulo precedente observou-se que para explicar o uso de voz nasalizada parece ser necessário, na perspectiva deste trabalho, ir além de condicionamentos fonéticos e fonológicos, considerando dados culturais, que foram sintetizados nas expressões "discurso passivo" e "discurso ativo". Na análise que se segue, e apenas a título de exemplificação de outras análises possíveis de outros articuladores de enunciados, toma-se uma corrente de análise linguística que tem considerado fenômenos relativos a relação entre os interlocutores.

Como se sabe, Ducrot e seus seguidores tem mostrado que existem na língua elementos responsáveis por um tipo de orientação argumentativa. Cito, a título de exemplificação, o trabalho de Guimarães (1987).

Guimarães revê estudos feitos sobre as conjunções logo, pois, já que, e, além disso, não só... mas também, ou... ou, mas, embora, para que, quando, que. Diz ele que é necessário "alterar sua classificação e melhor especificar seu papel no funcionamento da linguagem, mostrando que a noção de 'ligar orações' deve ser problematizada e melhor qualificada" (p.7).

Ele afirma que que, quando, para que, e não tem força argumentativa e não afeta as relações de orientação argumentativa no

discurso. Assim, deixa-as de lado e analisa mais profundamente aquelas que parecem indicar a possibilidade de terem força argumentativa, por articularem elementos não dependentes enunciativamente: até mesmo, além disso (além de), ou, ou, pois, já que, mas, embora, não só, mas também, logo e outras conclusivas.

Este autor afirma que além disso e além de pertencem a uma mesma escala argumentativa onde a enunciação A e a enunciação B têm a mesma força. Embora Koch (1984) não aponte o conteúdo de B como tendo maior força que A, afirma ela que o conteúdo de B é um argumento decisivo que se apresenta a título de acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar "o golpe final".

Analisando as conjunções mas e embora mostra Guimarães que estes operadores, através do jogo enunciativo entre representação do sujeito da enunciação, orientação argumentativa e articulação tema-comentário, produzem estratégias de relação diversas. Ambos são argumentativos e ambos opõem argumentos orientados para conclusões contrárias, entretanto não são idênticos, o comportamento discursivo de ambos é diferente (sobre uma discussão mais aprofundada veja mais adiante (item II, capítulo III)).

Sobre não só, mas também Guimarães mostra que as gramáticas tradicionais se limitam a equipará-la à conjunção e. Segundo este autor enquanto as enunciações com e articulam elementos equivalentes, atribuídos a um único enunciador, as enunciações com não só, mas também articulam elementos atribuídos a mais de um enunciador.

Penso que esta linha de análise tem trazido contribuições ao permitir uma nova maneira de abordar a relação entre sentenças.

Até o presente momento, somente línguas indo-europeias têm servido de base para tais estudos. O trabalho em Semântica Argumentativa com base em dados da língua pirahã permitirá observar até que ponto este modelo pode dar conta de fenômenos de línguas não indo-europeias.

Assim, neste trabalho, retomo a análise apresentada por Everett (1983) das partículas *hama* (de que a forma *ka* é uma variante fonológica, em variação livre (Everett, 1983:185)) e das partículas *taia*, *taia* e *taia*. O objetivo é trazer a análise de Everett para o contexto das discussões desenvolvidas na análise dos chamados conectivos pragmáticos e dos operadores argumentativos. Não tenho a pretensão de defender uma análise específica: ao trazer tais dados para o interior da discussão e estudo desenvolvidos na Semântica Argumentativa, tenho somente a intenção de mostrar a necessidade de ampliar tais estudos, comparando expressões (ou conectivos) de diferentes línguas.

Apesar do uso de expressões 'conectivos' ou 'operador', correntes em análises deste tipo, não se está sugerindo uma aproximação entre tais operadores das línguas naturais e os operadores formais da lógica, tais como $\wedge$, $\vee$, etc. Se a analogia pode ser sustentada até certo ponto, muito rapidamente deve ser abandonada, como diz Barendse (1986:54) "um conectivo lógico se caracteriza pelo que se pode chamar de sua 'homogeneidade' combinatória: seus operandos e seu resultado têm um estatuto idêntico e cumprem as mesmas funções semânticas ou discursivas (por exemplo, receber um valor de verdade ou servir de premissa numa dedução). Os supostos "conectivos pragmáticos", pelo contrário, não apresen-

tam nenhuma homogeneidade, ao menos muitos deles . Desde o momento que nos propomos imaginá-los como operadores que se aplicariam a um par de entidades semânticas (P,Q) e que, em consequência, somos obrigados a especificar a natureza destas unidades, é forçoso reconhecer que P e Q podem ter, para um mesmo conetivo, estatutos completamente diferentes e, mais ainda, muito variáveis . Em consequência, nas análises dos conetivos das línguas naturais podemos (e devemos?) levar em conta tanto conteúdos proposicionais, quanto fenômenos mais tipicamente pragmáticos, como forças ilocucionárias, orientações argumentativas, suposições do falante a propósito de crenças do ouvinte, etc.

II-A partícula hoagá

1-Dados do Pirahã

Segundo Everett (1983:185) *hoagá* subordina uma sentença a outra. "Sua tradução mais geral seria 'mas', embora o sentido completo seja um pouco mais complexo" (p.48). Essa partícula expressa a noção de uma expectativa frustrada, não cumprida (p.185).

A partícula *hoagá* ocorre entre sentenças e em sentenças independentes, como mostram os dados de Everett (modificamos a numeração):

1.1-Entre sentenças

(1)/hi toio ?aagá hoagá ?opáohoi-bai/

3 velho ser mas trabalhar-intensivo

"ele é velho mas trabalha muito"

(2)/ti so?óá koho -ao -p -á hoagá koho-

1 já comer-télico-imperfectivo-remoto mas comer-

ai -p -i -hai kapió?io/

atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa outro.

"eu já comi, mas vou comer de novo"

(3)/?oí tio aí -koi hoagá ti kaháp-i -hai/
mato escuro estar-enfático mas i ir -próximo-certeza relativa.

"o mato está muito escuro, mas assim mesmo eu vou"

(4)/?abagi hi toio aagá hoagá ?ipóihí ?og -i -bai/
nome próprio 3 velho ser mas mulher gostar-próximo-intensivo.

"?abagi é muito velho, mas mesmo assim (ele) gosta de mulheres"

(5)/hi ?obáa?ái ?itii?isi ?ohoaísai hoagá ?ischoaí hiaba/
3 bom peixe achar mas pescar não
"ele é bom para achar peixe, mas não pesca"

2.2-Em sentenças independentes

(6)/ti hoagá poogáihiaí gi bagá-boi-hai/
i banana 2 dar-vir-certeza relativa
"eu (ao contrário do que você pensa) estou dando estas bananas (para) você"

(7)/kó?oí hi hoagá pii kobai-?iig -á/
nome próprio 3 água ver -continuativo-remoto
"kó?oí, ele está (ao contrário do que você pensa) (apenas) olhando a água"

Nas ocorrências (1) e (2), para Everett, a partícula hoagá subordina uma sentença a outra. "Sua tradução mais geral seria "mas", embora o sentido completo seja um pouco mais complexo" (1983:48). É na análise dos exemplos (3), (4), (6) e (7) que Everett introduz a análise de hoagá como "contra expectativo": "Essa partícula expressa a noção de uma expectativa frustrada, não cumprida" (p.185). Assim, em (3) e (4), "ir assim mesmo" e "ʔabagi gostar de mulheres" frustraria a expectativa de "o mato estar muito escuro" e "ʔabagi ser muito velho", que apontariam para conclusões diferentes daquelas que se pode obter da segunda parte das sentenças. A mesma análise pode ser atribuída ao exemplo (5), dado fornecido por Everett em comunicação pessoal.

Quanto às ocorrências (6) e (7), as expectativas negadas são "muito sutis":

"No primeiro, a raiz verbal hagá "dar" pode ser usada com os vários sentidos de "dar", inclusive "vender". Mas sempre quando o sentido é o de "dar algo permanentemente", o "doador" conta com um pagamento futuro. Desta forma, todos podem estar certos de que quando alguém dá da sua abundância para outro do grupo, ele receberá da abundância futura deste outro. O uso de hoagá nega esta expectativa e quer dizer que o objeto foi dado como presente mesmo. (...) (No segundo), todos pensam que kóʔoi está procurando ou esperando algo perto

do rio. Ele diz, no entanto, que não, está apenas aproveitando a vista linda (tudo isso é informação implícita do contexto)."

(Everett 1983:186)

2-Cancelador de implicatura x operador argumentativo

A análise de hoagá, cuja função essencial seria frustrar expectativa - "contra-expectativo" na terminologia de Everett - lembra de imediato as análises argumentativas de Ducrot, e muito especialmente as análises de "mais" (Anscombe e Ducrot, 1987); de "mas" (Vogt e Ducrot, 1979), a aproximação feita nestas análises e seus equivalentes nas línguas espanhola e alemã: sino/pero e sondern/aber, respectivamente. Mas a frustração de expectativa lembra também a possibilidade pronunciada em Grice (1975), com o possível cancelamento de implicaturas. A análise de Dascal e Katriel (1978) a propósito das partículas "aval" e "ela" do hebreu também aponta para problemas semelhantes.

Como nosso objetivo não é retomar cada uma destas análises mas buscar em seus resultados caminhos para a análise de hoagá, consideremos muito rapidamente as análises:

(a) Operador Argumentativo : analisando a partícula "mais" do francês, Anscombe e Ducrot observam que este conetivo exerce duas funções¹: a primeira função é a de retificação (simbolizada 'mas-SN'), ocorrendo após proposição negativa e introduzindo na segunda oração uma determinação que substitui a determinação ne-

gada na primeira oração e cuja afirmação é atribuída a um interlocutor real ou virtual. A expressão seria da forma 'p mas-SN q' (onde p é sempre uma oração negativa). O locutor de tal expressão acredita, ou quer que seu interlocutor acredite que ele acredita que q é o porque de p' (isto é, o conteúdo de p afirmado) ser inaceitável. Esta função seria representada por sino no espanhol, sodern no alemão e ela no hebraico², e pode ser observada nos exemplos abaixo:

- (8) a. Isto não é consciente, mas totalmente automático.
 b. Ce n'est pas conscient, mais totalement automatique.
 c. Eso no es consciente, sino totalmente automático.
 d. Das ist nicht beweest, sodern ganz automatish.
 e. [ze lo mudá, ela otomáti legamrei]

A segunda função exercida por "mais" (simbolizada 'mas-PA') é de orientação argumentativa: não ocorrendo necessariamente após oração negativa, introduz uma proposição q que orienta para uma conclusão não-r oposta a uma conclusão r para a qual p poderia conduzir: q não substitui ou retifica p; introduzido por "mais", q nega a conclusão que p poderia sugerir. O enunciador de 'p mas-PA q' supõe que há uma certa conclusão r, tal que p é um argumento a favor de r, e q é um argumento contra r (ou a favor de não-r); acredita ainda que q é um argumento a favor de não-r mais forte que p o é para r. Esta função é representada por pero no espanhol, aber no alemão e aval no hebreu, e pode ser observada nos exemplos abaixo:

- (9) a. Ele é inteligente mas não trabalha.
 b. Il est intelligent, mais il ne travaille pas.
 c. Es ist intelligent, pero no trabaja.
 d. Er ist intelligent, aber er arbeitet nicht.
 e. [hu inteligénti, aval hu lo oved]

Da afirmação "ele é inteligente" poder-se-ia tirar uma conclusão, definida sempre no contexto, do tipo "ele foi aprovado no concurso", que "mas-PÁ" frustra.

(b) Cancelador de implicatura: uma segunda possibilidade de análise de tais dados seria considerar que o mas cancela uma implicatura que resultaria da primeira parte do enunciado, ou seja, de p. Como se sabe, uma das características das implicaturas é a possibilidade de serem canceladas. Ora, as implicaturas griceanas resultam não só do que é dito, mas do que é dito associado às máximas conversacionais. Para tomarmos 'mas' como cancelador de implicatura, teríamos que admitir a exploração de uma máxima conversacional; ou admitir que 'mas' convencionalmente produz uma implicatura, o que levaria a dizer que (a) mas-SN produz a implicatura de que o falante atribui a um outro a afirmação de p, por ele negada e retificada por q; (b) mas-PÁ produz a implicatura de que p é argumento favorável a alguma conclusão r (retirada do contexto) e que q é argumento mais forte e a favor de não-r. Ora, admitir uma análise destes termos é, na verdade, admitir a análise da semântica argumentativa, com a dificuldade de precisar o

que seja implicatura convencional, conceito não retomado em análises que se baseiam em Grice³.

3-Retomando os dados do pirahã

Qual das duas hipóteses melhor daria conta dos dados do pirahã? Se assumirmos a análise argumentativa, é fácil dar conta do significado da partícula hoagá presente nos exemplos (1) a (5): nestes casos, ela corresponderia ao 'mas-PA'. Não é difícil imaginar contextos adequados a conclusões possíveis, em cada exemplo, a partir do primeiro conjunto (isto é, de p) que hoagá reorientaria em sentido contrário. Os exemplos cruciais, no entanto, para esta análise seriam (6) e (7): não há um conjunto 'p mas-PA q' a que se poderia atribuir este movimento argumentativo. Assim, (6) e (7) seriam bons candidatos a contra-exemplos à análise argumentativa.

Se assumirmos a análise com base na noção de implicatura, teríamos uma melhor solução para os exemplos (6) e (7). Na análise de Everett, hoagá frustraria expectativas resultantes do emprego de expressões na própria sentença (a raiz verbal pagá e a expressão 'pii kobai?iigá' ('estar olhando a água)). São as expressões utilizadas, ou as ações por elas descritas, que implicariam 'pagamento' ou 'estar pescando' respectivamente. Restaria saber, no entanto, se tais significações são: (a) implicaturas; (b) se sim, seriam implicaturas convencionais ou conversacionais; (c) se implicaturas conversacionais, seria preciso definir que máximas conversacionais estariam sendo 'exploradas' para deduzi-

las, já que a presença de uma implicatura conversacional deve poder ser deduzida, elaborada; pois, ainda que possa ser intuitivamente compreendida, se a intuição não for substituída por um argumento, a implicatura (se presente) não contará como implicatura CONVERSACIONAL: será uma implicatura CONVENCIONAL." (Grice, 1975:92). Somados estes problemas àqueles apontados em 2(b), além dos apresentados por Dascal e Katriel contra uma análise em termos griceanos, cremos que se pode abandonar esta pista na análise de *hoagá*.

Voltemos, então, à análise argumentativa. Poderíamos considerar os nossos exemplos cruciais (6) e (7) como casos de 'mas-SN'? Não parece ser o caso. Ducrot propõe três condições para o uso de 'mas-SN':

- 1) a primeira oração deve ser negativa;
- 2) a segunda oração, q, deve se relacionar a p de tal modo que o falante acredite ou queira que o ouvinte acredite que p não é possível porque q;
- 3) q e p devem ser relacionados de modo que, para o falante, q substitua p.

Em nossos exemplos, claramente não ocorrem as condições para o emprego de um 'mas-SN': temos orações independentes, e mesmo que quiséssemos 'supor' uma oração negativa no contexto, seria difícil estabelecê-la, já que *hoagá* cancela uma informação, digamos assim para fugir à noção de implicatura, atribuível ao fato cultural pirahã de "dar" ou de "olhar a água". Já foi notado que uma análise de *hoagá* como "mas-PA" é muito difícil, dada a ine-

xistência de um conjunto que orientaria num sentido, para a sequência 'hoagá q' reorientar argumentativamente em sentido contrário.

Suspendamos, por enquanto, a análise dos dados do piratã e busquemos em alguns usos de mas do português exemplos também cruciais para qualquer das duas hipóteses. Salvo melhor juízo, exemplos como:

(10) Amigos estão conversando na calçada e passa uma moça bonita. Alguém diz:

- Mas que gracinha!

(11) Passa um carro na rua; o motorista, ao trocar de marcha, 'raspa' a caixa. Alguém diz:

- Mas que motorista barbeiro!

(12) Um pai acaba de colocar o filho de 8 anos na cama. Apagou a luz do quarto e voltou para a frente da TV. Passados alguns minutos, a porta é aberta e aparece o filho:

Pai: - Mas eu não disse que era para você dormir?

(13) Passa um carro em alta velocidade e dirigido perigosamente. Alguém diz:

- Quase que nos atropela. Mas é barbeiro!

(14) A TV está transmitindo um jogo de futebol. B é fanático por um dos times. A se aproxima e pergunta:

A: - Como vai o time?

B: - Vai bem! Mas vai continuar bem, mesmo com você secando!

Nas ocorrências (10) a (12), a sentença introduzida por *mas* não se liga diretamente a outra sentença *p*. Temos, na verdade, situações de enunciação a que '*mas q*' se relacionam. Em (10), a situação descrita nos leva a crer que a beleza da moça passante é que levou o locutor a dizer "Mas que gracinha!". Ora, não se pode dizer que a situação corresponderia a *p* e orientaria num sentido contrário àquele de "Mas que gracinha!". O mesmo se pode dizer, *mutatis mutandis*, de (11) e (12).

Nas ocorrências (13) e (14), temos uma sentença antes da sentença introduzida por *mas*. Aqui, no entanto, as duas sentenças (*p* e *q*) se orientam no mesmo sentido: quase nos atropelar orienta para uma conclusão do mesmo sentido que "mas é barbeiro!". No exemplo (14), uma possível análise seria considerar que "mas vai continuar bem" orienta para uma conclusão num sentido contrário àquela dedutível do fato de A ter perguntado (e por perguntar apontar para uma resposta como "O time vai mal") e pelo fato de B considerar A possível adversário de seu time predileto.

Analisar as ocorrências (10) a (14) em termos griceanos seria aceitar implicaturas prévias que *mas* cancelaria. Ora, para dar conta de nossos dados, teríamos que admitir que a própria situação, sem a ocorrência de qualquer fala, poderia produzir im-

plicaturas. Isto seria expandir tanto a noção de implicatura que ela perderia totalmente seu poder explanatório.

4-Mais alguns dados

Ainda mais um problema se apresenta para a análise da partícula hoagá. Esta partícula parece ter também a função de concessiva na língua pirahã:

(15)	hi	hoagá	?a	-?apá	-bó	-í	-hi	/
	3		?	atirar	vir	próximo	certeza completa	
ti	hoagá	?ís	-apaf	ba	-?ap	-áo	-b	-á
i		3 animal	cabeça ?	atirar	télico	perfectivo	remoto	
há	/	?oig	-iig	-á				
certeza		morrer	continuativo	remoto				
relativa								

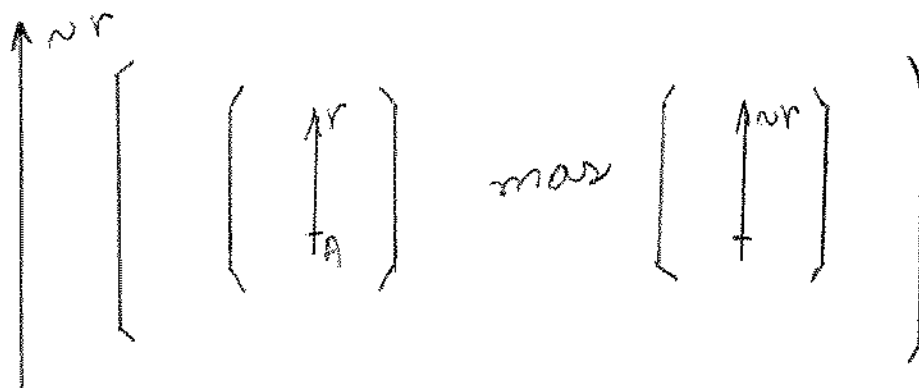
"Embora ele tivesse atirado , embora ele tivesse atirado na cabeça, ele ainda está morrendo (=não está morto)."

Guimarães (1987), no quinto capítulo ("Mas, embora: argumentação, polifonia e estratégias de relação") compara as conjunções mas e embora mostrando que estes operadores, apesar de serem ambos argumentativos e pertencerem à área semântica de oposição (opõem argumentos orientados para conclusões contrárias) caracte-

rizar-se-iam, em certo sentido como opostos.

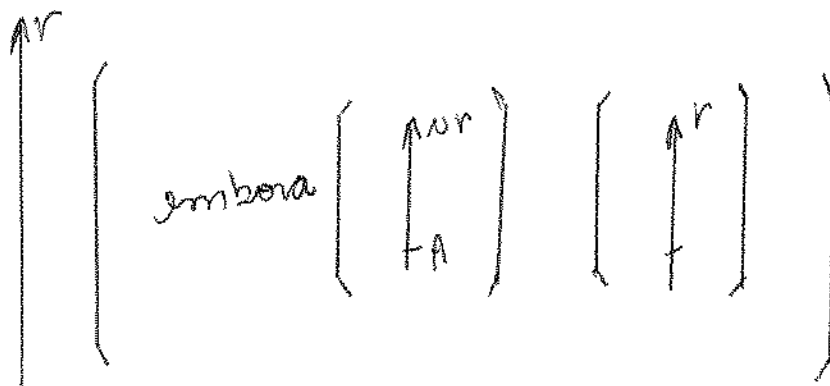
Exemplificando a análise de Guimarães:

(16) Magra, mas tinha não sei que balanço no andar que lhe dava certo charme.



Podemos perceber que o argumento mais forte, ou seja, que dá a direção argumentativa, é aquele que vem acompanhado da partícula.

(17) Magra embora, tinha não sei que balanço no andar que lhe dava certo charme.



Agora, diferentemente do exemplo anterior, o argumento que vem acompanhado da partícula é o mais fraco.

Quimões coloca que o EMPDO é mais conciliatório e utiliza a estratégia da "lambagem": ao antecipar um possível contra-argumento e ao incorporá-lo ao seu discurso não o deixa nascer na voz do outro e assim desarma qualquer possível refutação. Ele funciona naia no discurso como um EM TEPDO, de valor quase parentético. No português, portanto, a direção argumentativa é dada diferentemente pelas diferentes partículas empregadas. No pirahã temos uma mesma partícula com três diferentes funções ?

(1) hoagã PA

A hoagã B

(2) hoagã cancelador de princípio cultural

... sujeito hoagã

(3) hoagã concessiva

sujeito hoagã B

Não creio que esta análise seja adequada. Parece-me possível fazer uma análise mais econômica a partir da noção de politíonia.

5-hoagã e a noção de politíonia

Parece que a análise feita anteriormente sobre os usos (1) e (2) de hoagã não foi satisfatória. Se considerarmos a noção de politíonia, a análise de hoagã como operador argumentativo pode

ser retomada.

Como já vimos, para Ducrot, polifonia é definida como um recurso teórico metodológico que permite observar como o sentido do enunciado se constrói na justaposição de várias vozes na enunciação. Para a discriminação dessas vozes vimos que a teoria fornece as seguintes distinções conceituais referentes às personagens enunciativas: o falante, que é o ser da experiência, o autor empírico da linguagem produzida; o locutor, que é o ser do discurso que é apresentado como responsável pelo enunciado; e o enunciador que é o ponto de vista, a perspectiva que o sentido veicula. Ele pode apresentar-se assimilado ao locutor, ao falante, ou a nenhuma dessas entidades (cf. Ducrot 1987).

Ducrot e Anscombre ao defenderem a necessidade de acrescentar a noção de polifonia à análise da partícula *mais*, passaram a descrever os enunciados do tipo 'p mais q' dizendo que "eles colocam em cena dois enunciadores sucessivos, E1 e E2, que argumentam em sentidos opostos, o locutor se assimilando a E2, e assimilando seu alocutório a E1" (Ducrot, 1987:215). Em um contexto onde A convida B para passear e B responde "certamente que o tempo está bom, mas estou com dor no pé", embora o locutor se declare de acordo com o fato alegado por E1, ele se distancia, no entanto, de E1: ele reconhece que o tempo está bom, o que seria um bom argumento para um passeio, mas não o afirma por sua própria conta.

Ducrot (1987, anotações de curso) disse que reconsiderou a análise acima e agora defende a necessidade de quatro enunciadores para um enunciado do tipo 'p masPA q'. Assim:

E1- "o tempo está bom"

E2- -----> passear

E3- opõe-se a E1

E4- -----> "não vamos passear"

é possível observar que os dados de (1) a (5) são facilmente abordados dentro desta análise, mas o mesmo não pode ser dito sobre os dados (6) e (7). Parece não haver no interior de (6) e (7) uma marca qualquer de um enunciador diferente do locutor, sendo possível, então, defender que não há razão para supor a presença de um enunciador distinto do locutor. Pareceria possível defender que a primeira análise estaria correta e não caberia revisão.

Vamos restringir-nos apenas à análise da partícula da língua indígena, deixando momentaneamente os exemplos do português de lado, pois, apesar da semelhança estrutural entre os enunciados (6) e (7) do pirahã com os enunciados do português (exemplos (10) e (14)), há uma diferença fundamental entre a partícula hoagá e o mas destas ocorrências. A partícula da língua portuguesa presente nestes enunciados pode ser vista como uma partícula de ênfase ou reforço, podendo ser retirada sem alteração de significação. O mesmo não ocorre com a partícula da língua pirahã, que, se retirada, temos o sentido alterado ou temos, até mesmo, um sentido contrário àquele com hoagá.

Em piraká o próprio uso da partícula *hnaqá* marca a presença de um enunciador distinto do locutor. O locutor ao usar tal partícula marca oposição a um certo tipo de "enunciador", que seria responsável ou virtualmente responsável por um argumento que leve a um resultado contrário àquele desejado pelo locutor.

Assim seriam necessários também quatro enunciadores para dar conta das ocorrências (6) e (7).

Assim, para (6):

E1- 'Todo presente deve ser retribuído'

E2- -----> retribuição

E3- Opõe-se a E2: este é um presente de fato.

E4- -----> não deve haver retribuição

Para (7):

E1- 'Todos que permanecem olhando a água por um tempo longo estão procurando peixe'

E2- -----> Ko?oi procura peixe

E3- opõe-se a E2: Ko?oi está apenas olhando a água

E4- -----> Ko?oi está admirando a paisagem

Entretanto, diferentemente dos exemplos clássicos do uso de *mas*, as enunciações de E1 não são explicitadas. São enunciações virtuais, cuja explicitação é desnecessária, uma vez que se trata de dados culturais compartilhados por todos. Os enunciadores E1 e E2 são assimilados a um certo enunciador indeterminado, a uma voz

coletiva, no interior da qual o locutor enquanto pessoa também está localizado.

Um locutor ao usar um enunciado como o analisado vê a possibilidade de seu interlocutor refutar seu argumento usando um princípio cultural, por exemplo, um presente poderia ser recusado alegando-se que não poderá ser retribuído (ou não se deseja retribuí-lo). O uso de *hoagá* cancela esta possibilidade e funciona como um operador argumentativo. Nestes casos, *hoagá* cancela um princípio cultural em benefício de uma argumentação.

No mesmo sentido e com base na noção de polifonia se poderia explicar as ocorrências de (10) a (14) do português. O uso de *mas* nestes casos marca a possibilidade do interlocutor usar um argumento que possa refutar o ponto de vista do locutor. Mas ao contrário do uso analisado de *hoagá*, este uso de *mas* não cancela a possibilidade de um contra argumento baseado em um princípio cultural, mas apenas enfraquece uma possível visão contrária, enfatizando a perspectiva do locutor.

Pensemos também sobre o uso concessivo de *hoagá* a partir da noção de polifonia. Nestes casos *hoagá* não cancela, mas enfraquece um argumento que poderia ser usado para refutar o argumento do locutor. Agora é necessário explicitar a fala do enunciador distinto do locutor, pois não se trata de um dado cultural compartilhado por todos.

Assim, é falso pensar que temos uma partícula com três funções, temos apenas uma função: *hoagá* marca uma multiplicidade de vozes, enfraquecendo ou mesmo cancelando perspectivas que poderiam alterar uma direção argumentativa. É possível propor uma es-

cala decrescente de cancelamento (enfraquecimento tendendo a grau zero, ou seja anulação) provocado pela partícula *hoagá*. Esta escala é dada pela posição sintática de *hoagá*:

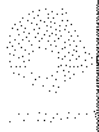
sujeito *hoagá* B -----) enfraquecimento da enunciação de E1

A *hoagá* B -----) cancelamento da enunciação de E2

sujeito *hoagá*...-----) cancelamento de um princípio cultural.

Um caminho possível, portanto, para dar conta de nossos dados, quer do *pirahã*, quer do português, seria abandonar tanto a hipótese que opera com a noção de implicatura quanto a hipótese desenvolvida no interior da semântica argumentativa: a solução que nos parece mais adequada a postular é considerar que *mas*, *embora* e *hoagá* seriam introdutores de cancelamento, mas indo mais longe do que aceitar o simples cancelamento de implicatura ou de uma orientação argumentativa em benefício de outra. *Mas*, *embora* e *hoagá* poderiam ser analisadas como partículas que introduzem cancelamento de quaisquer 'inferências' (não inferência' no sentido lógico, mas no sentido intuitivo: inclui aquelas *mas* também suposições do falante a propósito de crenças do ouvinte ou a propósito da interpretação que o ouvinte está fazendo de sua fala na situação; pressuposições; possíveis implicaturas; princípios culturais compartilhados - caso de 'dar' no *pirahã* - etc.)

Aceitar esta hipótese de trabalho é aproximar-se das propostas de Dascal e Katriel (1979), cujo 'framework' considera dife-



rentes camadas de significação, em cada uma das quais poderiam se produzir significados canceláveis por expressões introduzidas pelo operador aqui estudado .

III-As partículas *ʔagía*, *ʔagíagá* e *ʔiagíagá*

i-Dados do pirahã

Everett (1983:190) diz que *ʔagía*

"aparece em sentenças isoladas com a função de enfocar um determinado participante. Ocorre, mais frequentemente, no discurso para seguir o comportamento do caráter principal. Se o participante for humano, *ʔagía* é precedido por *hi* '3'; se for animal, *ʔagía* é precedido por *ʔis* 'animal'. Não tenho registrado nenhum outro tipo de participante, como por exemplo, a personificação de plantas ou minerais. Ademais, os espíritos são considerados humanos e, portanto, usa-se *hi*. "

i-/hi	ʔagía	gá	-ʔay	-say	ti	baáb	-ao
3	dizer	fazer	nominalizador	i	doente	télico	

-p á/
imperfectivo remoto

"ele (aquele de quem estamos falando) disse (ou seja, o ato de fala dele foi) 'eu estou doente'"

2-/hi koab -ao -p -a -ha
3 morrer tẽlico perfectivo remoto certeza relativa

taio tis Tagia hi kaha-p -i

resultado animal 3 it. Imperfectivo epentẽlico

-hiab -a -ha -taio/

negativo remoto certeza relativa resultado

"ele morreu , (pela panela a que nos referimos), por-

tanto ele não escapou"

Sobre Zaidjagã diz Everett (p.192):

"esta partícula possui muitas variantes e não tenho uma explicação satisfatória para elas. Tenho registrado esta partícula apenas em discursos, mas SS (1973) apresenta vários exemplos ao nível sentencial. Ademais, SS (ibid) considera esta partícula idêntica, com a mesma função de Tagia (cf. SS.2.1). Ele pode ter razão, mas não as tenho analisado assim devido às suas diferenças fonológicas e fonológicas (embora diferenças fonológicas sejam um motivo precário para distinguir entre dois elementos semelhantes nesta língua)"

3-/hi ti gáy -say ay -tá

3 i dizer nominalizador dormir iterativo

-hói ?ii -haí ?ii apa -ó

ingressivo próximo certeza relativa árvore cima locativo

hi ti gáy -say ?ao hoagá ?iho -áo

3 i dizer nominalizador maneira andar télico

-hoi ?ioóáysay ti ?iho -áy -p -op

ingressivo escuro i andar atélico imperfectivo ir

-í -haí ?aggiagáó bághiigi ?ag

próximo certeza completa progressão lógica devagar viajar

-ab -op -í -haí/

virar ir próximo certeza relativa

"ele me falou (que) (pretendia) dormir em cima de uma árvore. Ele me falou desta maneira que (apesar do que é normal) (ele) ia começar a andar na escuridão, mas por esta razão voltaria devagar"

A locução sublinhada e traduzida por 'por esta razão', se refere à partícula zaggiagáó no exemplo.

4-/?itáibígay	?aoóy	kuáb	oá	-bog-á	
nome	estrangeiro	muita coisa	comprar	vir	remoto
-ta	-haí	?ao	?aygiagaó	?is	ogió hi
iterativo	certeza	estrangeiro	progressão	lógica	muito 3
	relativa				
?is	og	-á/			
animal	querer	remoto			

"?itáibígay, o estrangeiro, compra muita coisa, ele, isto é, estamos dizendo que ele quer muita carne"

O mesmo autor diz que o que "os exemplos 3 e 4 têm em comum em relação a ?aygiagaó é uma progressão lógica. Traduzimos a partícula pela frase por esta razão em 2 e isto é, estamos dizendo que em 4. A explicação disso é que no exemplo 2 ela indica a razão-resultado de uma sentença anterior, e em 3, ela marca a cláusula posterior como uma paráfrase e esta paráfrase representa tanto a idéia central da discussão quanto o fim desta mesma discussão" (numeração alterada).

Já na narrativa traduzida por Everett, ?agía é traduzida por portanto, como mostram os exemplos abaixo:

5-/hi takáó koíí koáíi ?agáíso gíkaó gíkaó
 3 longe morrer morrer isso você longe você longe

koáíi ?ao ?iyaít éga ?abisaoy hiagía híhiáobáo gá?aysay
 morrer longe pirahã com sem portanto 3 3 ouviu dizer

híaháá gá?aysay híahá ko ?aagaí
 3 fez dizer dentro estar

"Ele morrerá longe. Isso. Você morrerá longe, sem (a companhia de) outros pirahã. Portanto, (?íchoi) ouviu). Ele disse 'tem goiaba, tem goiaba dentro (do navio)."

6-/hiabáysi hóága hiabáysi ?aága ?ay hiagía ?áhay
 espírito vem espírito é aí portanto irmão

?áhaygaobáo ?áhaygíi ?ai hóobísay híahá/
 irmão veio irmão aí vem/ir ele faz

"Irmão ?a?áy se foi (morreu). Ele é espírito. Ele em baiko da terra não dorme. Espírito vem, é um espírito mesmo. Portanto o irmão se foi com certeza, o irmão se foi com certeza."

Também Tiagíand é traduzido por portanto na narrativa:

7--/hi gássahiyá Tawáí Tawáíobáí Tiohóáw pássahiyá

3 dizer irmão veio nome veio quase estar

Tiohóí hi gássahiyá 7i 7a ko Tawáóíio Takáópabáí

nome 3 dizer vocativo longe quase longe

hiá Takáópabáí hi agáTahí loTéóé Tiagiagá Tawáahiyá 7ia

nome 3 dizer nome portanto dizia

Tiababáí Tiopáí hiababáí TiáTáó TiáTáó TiáTáó TiáTáó 7ia 7aó

assim ele não estava ? ? ele com ? ?

estava

7a 7iaTáó TawáTáohá 7aó Tiobááphéhi/

2 ? ? estrangeiro ?

"Ele disse (que) o irmão foi. Tiohóí está esta para vir.

Ele disse que ele estava um pouco longe ainda. Takáópabáí ee disse.

toTéóé portanto disse assim: não é Tiópáí ?"

Uma vez que as diferenças segmentais são um motivo precário

para distinguir elementos, nesta língua, é possível questionar se

Tawáí, Takáópabáí e Tiagiagá são realmente três diferentes parti-

cipais ou se trata de três formas de um mesmo articulador de enun-

ciados.

2-Partícula /ʔagía/, uma conclusiva?

2.1-É possível, fonologicamente, sustentar que *ʔagía*, *ʔagíagí* e *ʔagíagíagí* são realizações de uma mesma palavra. Já foi dito anteriormente que em pirahã há muita neutralização fonológica, assim como as palavras podem ser pronunciadas de forma alongadas ou reduzidas. Como já apontou Everett (1979) há motivos para crer que a forma menor é a básica. Parece que a forma alongada é feita a partir de duplicações silábicas e junções de morfemas. Também, aceitando como correta a hipótese de que em pirahã não temos fonemas vocálicos como unidades, mas sim direções vocálicas, é possível formular a hipótese que as formas alongadas são realizações mais longas dos fonemas vocálicos. Tudo isto é realizável em pirahã porque os fatores autosegmentais são mais importantes que os segmentais para a construção do sentido.

Considerando /agía/ como forma básica:

/agía/

[ʔagía] (na estrutura subjacente [ʔ] não é presente, ele é acrescentado ao início da palavra antes de pausa)

[hiagía]----- hi + ʔagía

3

[ʔaggiagaó] é possível acreditar que [a], [ay] e [ya] sejam realizações de um mesmo fone-

[ʔaygágá] ma, bem como é possível acreditar que [gaó] e [gá] sejam duas formas de um morfema acrescetado ou, até mesmo, é possível formular a hipótese de que [gaó] e [gá] sejam reduplicações da sílaba [gía]. Ainda não sei ao certo qual hipótese é verdadeira, mas ambas são permitidas pelas hipóteses levantadas no item sobre a fonologia desta língua.

Verificar-se-á, agora, se semanticamente também é possível postular que temos apenas uma partícula.

A tradução destas partículas seja por ~~portanto~~, por ~~por esta razão~~ ou ainda por ~~progressão lógica~~ acena para a análise desta partícula como uma conjunção conclusiva.

2.2-"As conclusivas, portanto"

Grice (1975) coloca que sempre há uma implicatura convencional em sentenças com uma conclusiva. Em uma sentença como:

a-Ele é brasileiro, logo joga bem

Grice afirmaria que há sempre a implicatura

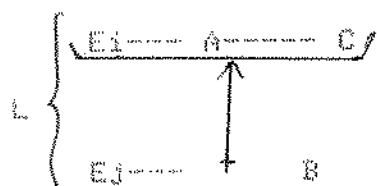
a1-Todo brasileiro joga bem

Ducrot (1972) distinguuiu entre implícito de enunciado e implícito de enunciação, afirmando o mesmo que Grice, mas chamando a tal implicatura de implícito de enunciado (cf. Guimarães, 1987:149).

As gramáticas tradicionais do português definem as conjunções conclusivas como conjunções que estabelecem uma relação tal entre a oração antecedente e a conseqüente, que o que é dito na segunda é conclusão do que foi dito na primeira.

Guimarães, tomando como base a análise da gramática tradicional, reanaliza as conclusivas adaptando a definição desta gramática para a Semântica Argumentativa. Caracteriza ele a relação conclusiva como "uma relação argumentativa tal que, em construções como X logo Y, o locutor apresenta o conteúdo A de X como argumento para o conteúdo C de Y (A----> C)" (Guimarães, 1987:150). Também partindo da análise de Grice e Ducrot, acrescenta a noção de polifonia, mostrando que a possível implicatura seria uma perspectiva que sustenta uma direcção argumentativa.

Afirma ele que a significação das enunciações conclusivas é a seguinte:



Ou seja, "os efeitos de sentido destes recortes se constituem pela identificação de A, C, B e particularização de Ei e Ej: que podem corresponder ou não ao locutor: que podem ser preenchi-

dos como um único enunciador ou não...Seria de se ressaltar ainda que o elemento B dos recortes conclusivos não pode ser identificado com uma premissa que falta num silogismo como faz supor as abordagens de Grice e Ducrot, pois, se em alguns casos isto poderia até ser considerado, em outros isto não parece razoável." (Guimarães, p.168)

Apresento um dos exemplos dado por este autor (conservo a numeração):

323-Ele é brasileiro, logo joga bem

$$\begin{array}{l}
 \text{L1} \left\{ \begin{array}{l}
 \text{E1- Todo brasileiro joga bem (B)} \\
 \text{E2- Ele é brasileiro (A) -----> joga bem (C)}
 \end{array} \right.
 \end{array}$$

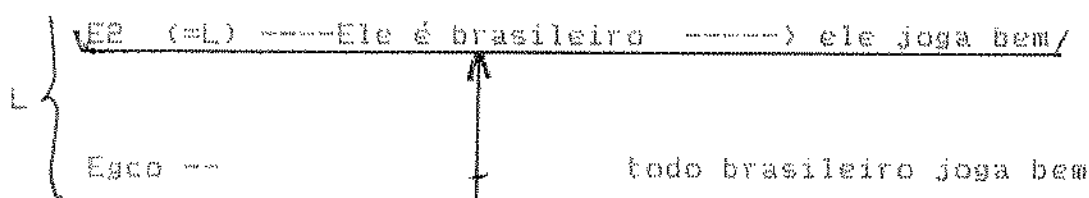
"a- a relação entre A e C é uma relação entre argumento e conclusão.

b- E1 é um enunciador que podemos tratar como um enunciador genérico (Egco) que - apropriando-nos de uma caracterização de Berrendoner (1981)- podemos considerar como um enunciador cuja perspectiva é a de um conjunto razoavelmente indefinido de pessoas, que têm em comum uma certa "crença" a propósito de um fato.

Ao mesmo tempo podemos dizer que a indicação da duplicidade de perspectivas harmoniza-se com a caracterização argumentativa segundo a qual $A \rightarrow C$. Pois, sendo assim, não se apresenta C como algo que é verdade porque B e A são verdadeiros. Simplesmente, o locutor representa um enunciador (E2) que apresenta $A \rightarrow C$ e

que sustenta esta orientação argumentativa na perspectiva de um Egco. "

Para 323, então, é como se tivéssemos o sentido



A perspectiva de Egco justifica o ato de orientar argumentativamente que se faz de E2 (=L). (idem, p.154)

3-Análise dos dados de pirahã

Não creio que os dados do pirahã sejam facilmente analisados dentro da perspectiva de Guimarães. Creio que para pensarmos sobre os dados do pirahã que contêm a/s/ partícula/s/ analisada/s/ é necessário considerar o contexto (tanto lingüístico quanto suas condições de produção). Penso que, diferentemente do que ocorre com *huagá* é impossível analisá-la/s/ em frases isoladas.

Em (6) creio que é possível fazer a seguinte análise:

E1: "O espírito vem vindo, é um espírito mesmo"

E2:(locutor enquanto pessoa): "portanto o irmão foi com certeza"

Esta enunciação foi feita quando discutia-se se Taʔáy estava morto. Não vejo uma possível implicatura que pode daí ser retirada.

Levanto, inicialmente hipótese de que ʔagía retoma o argumento do interlocutor (E1) para tirar dele uma conclusão.

Em (5), segundo minha interpretação, tenta-se convencer ʔa-ʔáy de não viajar. Creio que haja neste enunciado três vozes. Em primeiro lugar o narrador toma a posição de quem não deseja a viagem de Taʔáy. É possível observar como o narrador "vai entrando" no corpo da personagem: o narrador que usava terceira pessoa, assume a perspectiva da personagem e passa a falar em segunda pessoa:

E1: "Ele morrerá longe. Isso (vá). Você morrerá longe e sem a companhia de outros pirahã."

Em seguida o narrador toma a posição do dono do navio que levaria ʔaʔáy (esta personagem deseja que ʔaʔáy vá):

E2: (locutor enquanto pessoa) "Ele (dono do navio) ouviu e portanto disse

E3: "tem goiaba, tem goiaba dentro do navio"

O locutor (E2) apresenta o enunciado de E1 como um argumento (até mesmo como uma ameaça) para ʔaʔáy não viajar. Em seguida ele apresenta um outro argumento (enunciado de E3), possivelmente

mais forte, para fazer com que *ʔaʔáy* viaje. O locutor apresenta o enunciado de E1 como motivo do enunciado de E3. Portanto com *ʔagía* E2, ou seja, o locutor enquanto pessoa articula dois argumentos sendo o primeiro motivo do outro. Neste caso, portanto, *ʔagía* retoma o principal argumento da fala anterior, para dar um outro argumento mais forte.

A seguinte generalização é possível, segundo nossos dados, para dar conta de enunciados com *ʔagía*:

ʔagía retoma o principal argumento do interlocutor ou da fala anterior para tirar dele uma conclusão, ou ainda para dar outro argumento mais forte que pode levar a uma conclusão oposta àquela que poderia ser tirada do argumento de E1.

Se esta generalização for adequada *ʔagía* não parece ter nada em comum com relações conclusivas do português. Parece que *ʔagía* se aproxima de *hoagá*, já que marca uma oposição.

Outra hipótese seria seguir Adan (1986) que analisando operadores argumentativos, apóia-se em Moeschler (1985:64) e diz que eles podem articular argumentos co-orientados ou anti-orientados. Diz ele que tanto *mais* quanto *pourtant* articulam argumentos anti-orientados, a diferença entre eles é que, enquanto *mais* é um introdutor de argumento, *pourtant* é introdutor de uma conclusão:

valence fonction	prédicats à trois places	
	arguments coorientés	arguments anti-orientés
Introduceur d'argument	d'ailleurs même	mais
Introduceur de conclusion	décidément	quand même pourtant finalement

Verifiquemos se esta análise pode ser postulada para os outros exemplos de pirahã. Também vamos ver se é possível dizer que ʔaɣɣáɣá e ʔaɣáɣá semanticamente operam do mesmo modo que ʔaɣá.

A mesma análise feita acima pode ser feita também para dados com ʔaɣɣáɣá e ʔaɣáɣá:

Em (4), o argumento "o estrangeiro compra muita coisa" é retomado para introduzir a conclusão "o estrangeiro quer muita carne".

Em (3) é o próprio locutor que retoma sua própria fala para retirar dela uma conclusão.

Em (7) a análise de [ʔagíagá] é semelhante àqueila feita para (6): a fala de outro enunciador é retomada pelo locutor como motivo para a apresentação do enunciado de ʔeoé.

Voltemos às ocorrências de [ʔagía] ainda não analisadas. Em (1) a análise é dificultada porque são desconhecidas suas condições de produção. É possível apenas levantar a hipótese de que neste caso ʔagía retoma não um argumento, mas um personagem, colocando-o em primeiro plano.

A mesma análise pode ser postulada para (2).

Portanto parece possível dizer que agía pode retomar não só enunciados, mas também personagens a fim de dar uma orientação argumentativa.

Temos um número maior de ocorrências de [ʔagía]. Vimos que esta partícula (assim realizada foneticamente) pode retomar apenas um nome, um argumento ou ainda uma enunciação anterior. A mesma operação semântica é realizada pelas outras partículas.

Assim, as análises semânticas aqui desenvolvidas apontam para a conclusão de que em [ʔagía], [ʔaggiagaó] e [ʔyagíagá] não temos três diferentes partículas, mas três variações da mesma partícula.

Apesar de as traduções de tal partícula apontarem para sua aproximação com as conclusivas do português, vimos que seus funcionamentos, segundo a análise de Guimarães, são bastante diferentes.

A partícula [agía] retoma um argumento, um personagem importante, ou mesmo uma fala anterior, para introduzir uma conclusão ou um argumento que leve para uma conclusão oposta àqueila que

poderia ser tirada do que foi retomado. De acordo com a terminologia de Adan, agía é uma partícula que anti-orienta e, segundo esta análise, pode aproximar-se do pourtant do francês, embora, ao mesmo tempo, distancie-se: enquanto pourtant apenas introduz conclusões, agía pode introduzir também argumentos.

Como se pode ver, as análises das partículas hoagá e agía exigem que se ultrapasse o nível sentencial ou do expressamente dito, apelando-se para noções de "conhecimento compartilhado", orientação argumentativa, interlocução e polifonia para dar conta dos dados. Estes fatos, retirados do nível morfo-sintático da língua pirahã, acrescentam-se, como argumentos secundários, é verdade, à necessidade de considerar questões discursivas também na análise de fenômenos fonéticos e fonológicos, mantendo-se deste modo um mesmo ponto de observação de fenômenos em diferentes níveis de análise de língua.

Notas

- (1) As mesmas duas funções também são atribuídas a um só mas do português. Ver Vogt e Ducrot (1979), Guimarães (1981).
- (2) Ver a propósito Dascal e Katriel (1978), especialmente p.148-149.
- (3) Embora não exploremos neste texto, talvez a noção de im-plicatura, introduzida por Gazdar (1979) possa melhorar a análise aqui realizada superficialmente a partir da noção de implicatura. Resumidamente, Gazdar propõe que se calcule, independente de contexto, um conjunto x de implicaturas possíveis e previsíveis; um membro do conjunto, no contexto, seria a im-plicatura. Infelizmente, Gazdar operou apenas com a máxima da Qualidade de Grice no cálculo de conjunto de im-plicaturas. No nosso caso, a dificuldade seria pensar, no contexto, que máxima conversacional estaria sendo acionada para produzir as implicaturas, ou então assumir a noção de implicatura conversacional, cujo estatuto preciso está longe de claro (... "the precise status of conventional implicatures is far from clear" Dascal e Katriel, 1978:151)).

CONCLUSÃO

Evidentemente, as análises aqui apresentadas exigem um melhor refinamento, quer do ponto de vista de uma teoria autosssegmental para as questões de nasalização, quer do ponto de vista da teoria polifônica da enunciação. Este "refinamento de análise" (sempre possível) vai além dos interesses desta dissertação, constituindo-se como uma continuidade de estudos que pretendo realizar.

Se minha pretensão inicial foi uma descrição dos fenômenos, especialmente aqueles do nível fonético e fonológico, o que me fez selecionar os fenômenos de nasalização e de articulação dos enunciados foi a "possibilidade teórica", ou a primeira "intuição" de que eles poderiam encontrar uma explicação, como a oferecida com base em considerações, pelo locutor, do interlocutor: a enunciação será co-enunciação pelas marcas que a presença do outro produz na fala do locutor. Seriam exemplos do que Authier denomina de heterogeneidade marcada linguisticamente.

Acredito que todo discurso, por mais individual e uno que ele pareça, é sempre a voz de um novo nível de consciência. Defendo que a multiplicidade de vozes é um fenômeno sempre presente no discurso e nos atos humanos em geral. Pêcheux (1969) mostra que a crença na unicidade do sujeito vem de dois apagamentos de nível inconsciente e semi-consciente respectivamente:

1-O sujeito pensa ser ele o criador absoluto de um sentido; há, para este sujeito, um apagamento do processo pelo qual um

discurso é reconhecido como tendo um certo sentido.

2-Há um apagamento que concerne à existência de uma seleção linguística feita pelo sujeito que fala que vai delimitando o que se diz excluindo o que seria possível dizer. Este esquecimento permite ao sujeito a ilusão de que seu discurso reflete seu conhecimento objetivo da realidade.

Assumo, neste trabalho, a crença de que o sujeito não é único, ele vive sobre uma fronteira entre um eu e um outro, dentro de seu interior, ele olha através dos olhos de um outro, ou seja, em cada situação ele pode ver através dos olhos de uma das posições internas que pode ser assumida por ele. Entendo este outro não só como um interlocutor, mas até mesmo uma terceira pessoa. Como diz Authier, citando Bakhtin:

Tout ce qui me touche vient à ma conscience - à commencer par mon nom - depuis le monde extérieur en passant par la bouche des autres (de la mère ,etc...) a - vec leur intonation..."

Authier coloca que o "eu com o outro", ou seja, a heterogeneidade opera dentro do discurso no espaço do não-explicito, do sugerido, instaurando no lugar de uma fronteira, de um limiar, um contínuo, um "dégradé". Há , então, uma presença diluída do outro no discurso de um eu. Orlandi em "E quando o outro somos nós?" (s/d), apoiando-se em Maingueneau acrescenta que há uma contradição inerente à noção de sujeito, constituída pelo binômio identidade-alteridade: é apenas na relação dialógica eu-tu que é possí-

vel dizer que existe um eu:

"...ao marcar a identidade, atomiza (separa) por que distingue, e, ao mesmo tempo, integra, porque a identidade é feita de uma relação"

Neste sentido, o "outro" é constitutivo de um "eu". A posição aqui defendida está, assim, ligada a uma visão sócio-interacionista da construção de objetos linguísticos. Usaremos as palavras de Coudry (1988:67) para definir o modo como encaramos o sujeito neste trabalho:

"O sujeito não é alguém que é soberano em relação à língua, nem seu criador. Mas também não é um repetidor ou reproduzidor. Nem deus nem máquina. O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, linguístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um."

Considero, assim, fundamental para o estudo linguístico a noção de polifonia. Não se trata da polifonia, presente em Ducrot, enquanto noção usada para fins descritivos (descrever a argumentação na língua), como também não se trata da definição de polifonia dada por este autor (incorporação consciente da fala do outro feita pelo locutor, para dirigir argumentativamente seu interlo-

cutor). Considero a polifonia um fenômeno constitutivo, sempre presente, mostrada ou não, na linguagem e em seus uso. Assim a noção de "multiplicidade de vozes" de uma maneira próxima à Análise do Discurso, impõe-se como como noção explicativa dos fatos abordados.

Se alguma contribuição este trabalho pode ter trazido é precisamente a demonstração de que, no nível explicativo (e não apenas descritivo como o faz Ducrot) a noção de polifonia, da voz do outro, é fundamental para entender fenômenos tão díspares: nominalidade e articuladores sentenciais.

BIBLIOGRAFIA

- 1-ADAN, Jean-Michel; "Enonciation et Textualite - Les Connec-
teurs: l'argumentation dans le texte" in Cahiers du Depart-
ement des Langues et des Sciences du Language, nº 4: Le
Sujet et son énonciation, Université de Lausanne, 1987.

- 2-ALBANO, Eleonora; Fonética Acústica, curso ministrado na UNI-
CAMP, 1º semestre de 1988.

- 3-ANSCOMBRE, J. C. e D. Ducrot; "L'Agumentation dans la Langue"
in Language, 42, Paris , 1976.

- 4-----; "Deux 'mais' en français?" in
Lingua , 41: 1.23-40., 1977.

- 5-ANDERSON, S.; Phonology in the 20th Century, 1985

- 6-ARONOFF; Language Sound Structure, 1984

- 7-AUTHIER, Jacqueline; Heterogeneite Montre et Heterogeneite
Constitutive: Elements pour une Approche de l'autre dans le
Discours. in DRLAV , 26, 1982.

- 8-BAKHTIN, Mikhail; Problemas da Poética de Dostoiévski, Foren-
se-Universitária, Rio de Janeiro, 1981.

- 9-----; Marxismo e Filosofia da Linguagem, MUCITEC, São Paulo, segunda edição, 1981.
- 10-BENVENISTE, E.; "Da Subjetividade na Linguagem" in Problemas de Linguística Geral, 1976.
- 11-BERRENDONER, A. ; "Conectores Pragmáticos y anáfora" in Moreh, 1.53-74, 1986.
- 12-COUDRY, Maria Irma H.; O Diário de Narciso, Martins Fontes, São Paulo, 1988.
- 13-CHOMSKY, Noam & Morris Halle; The Sound Pattern of English, New York, 1968
- 14----- 1965; "Algumas Questões de Controvérsia na Teoria Fonológica" in DASCAL, M.; Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol. II, 1981.
- 15-DASCAL, Marcelo (org.) ; Fundamentos Metodológicos da Linguística, volume II - Fonologia e Sintaxe, UNICAMP, Campinas , 1981.
- 16-DASCAL, Marcelo e Katriel, T; " Between Semantics and Pragmatics: the two types of 'but' - Hebrew 'aval' and 'ela', Theoretical Linguistics, 4.143-172, 1979.

- 17-DUCROT, O.; O Dizer e o Dito, Pontes, Campinas, 1987.
- 18-EVERETT, DANIEL; "On Metrical Constituent Structure in Pirahã Phonology" in Natural Language and Linguistic Theory, 6, 1988, 207-346.
- 19-----; A Língua Pirahã e a Teoria da Sintaxe Descricção. Perspectivas e Teorias, tese de doutoramento, UNICAMP, 1983
- 20-----; Aspectos da Fonologia Pirahã, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1979.
- 21-FOULCAULT, M.; L'Ordre du Discours, Gallimard, 1974.
- 22-----; A Arqueologia do Saber, Forense-Universitaria, 3ª edição, 1987.
- 23-GAZDAR, G, Pragmatics. Implicature. Presupposition and Logical Form, Londres, Academic Press.
- 24-GERALDI, J.W. e Sândalo, M. F. S. "Cancelador de Implicatura X Operador Argumentativo" in Atlas do 33º Seminário do DEL, 1986.
- 25-GRAHAM, Albert & Graham, S. "Assinalamento Fonológico das Unidades Gramaticais em Sateré", Arquivos de Anatomia e Antro-

- ecologia, Instituto de Antropologia Professor Souza Marques, 219-231, 1978.
- 26-GRICE, H. P.; "Lógica e Conversação" in Marcelo Dascal(org.), Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol.IV,, Campinas, Ed. do organizador, 81-103, 1975.
- 27-GUIMARÃES, Eduardo; Texto e Argumentação-Um Estudo de Conjunções do Português, Pontes, Campinas, 1987.
- 28-----; "Polifonia e Tipologia Textual" in Cadernos PUC, Educ. SP, 1986.
- 29-----; "Algumas Considerações sobre a Conjunção embora" in Português: Estudos Linguísticos, Uberaba, FLUBE, (Série Estudos 7), p.86-94, 1981.
- 30-HEINRICHS, Arlo; "os Fonemas de Murá-Pirahã" in Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, vol.21.9, 1964.
- 31-HYMAN, L.; Phonology: Theory and Analysis, new York, Holt-Rinehart & Winston, 1975.
- 32-IBRAHIM, A. H.; "Coordonner pour Argumenter" in Semantikos, vol. 2, nº 2-3, 1978

- 33-KOCH, Ingedore G.V.; Argumentação e Linguagem, Cortez, SP, 1984.
- 34-LADEFOGED, Peter; Preliminaries to Linguistics Phonetics, Chicago, 1975.
- 35-MAINGUENEAU, Dominique ; Novas Tendências em Análise do Discurso , Pontes, Campinas, 1989.
- 36-KALINOWSKI, B.; "O Problema da Significação em Linguagens Primitivas" in O Significado de Significado, 1972.
- 37-MATISOFF, James A.; "Rhynoglottophilia: The Mysterical Connection Between Nasality and Glotality" in Nasalfest , 1973, 265-287
- 38-MEILLET, A.; "Comment les Mots Changent de Sens" in Linguistique Historique et Linguistique Générale, Paris, L.H.C., 1965.
- 39-NIMUENDAJU, Curt; "As Tribus do Alto Madeira" in Journal de La Société des Américanistes de Paris, Nouvelle Série, T.X. VII: 137-172, 1925.
- 40-----; "The Murá and Pirahã", Bulletin 143, Handbook of South America Indian, vol. 3:255-269, Washington: USA Government Printing Office, 1948.



- 41-OLIVEIRA, Adélia E.; "A Terminologia de Parentesco Mura-Pirahã" in Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 66, 1978.
- 42-ORLANDI e Guimarães; "Unidade e Dispersão: uma questão do do texto e do sujeito" (mimeografado) , 1986.
- 43-ORLANDI, Eni P.; "A Incompletude do Sujeito" in "Folhetim", Folha de São Paulo, nov. 1983
- 44-----; A Linguagem e seu Funcionamento, Pontes, Campinas, 1983.
- 45-----; "E quando o outro somos nós?" (mimio-grafado)
- 46-----; "Mito e Discurso: Observações ao Pé da Página", Revista de Antropologia, volumes XXVII/XXVIII, São Paulo, 1984/1985.
- 47-OSAKABE, Haquira; "O Problema das Condições de Produção" in Argumentação e Discurso Político, Cairós , SP, 1979.
- 48-FECHEUX, Michel; Semântica e Discurso-Uma Crítica à Afirmação do óbvio (Les Vérités de la Palice) , Ed. da UNICAMP, Campinas, 1988.

- 49-----; Analyse Automatique du Discours, Dunod, Paris, 1969.
- 50-PIKE, Phonemics, 1947.
- 51-RADFORD, Andrew, Transformational Syntax, Cambridge University Press, Cambridge, 1981.
- 52-RECANATI, La Transparencia y la Enunciacion, B.Pires, Hachette, 1981.
- 53-RODRIGUES, Arnon D.; "Silêncio, Pausa e Nasalização" in Atlas do VIII Encontro Nacional de Linguística, RJ, 1986.
- 54-RODRIGUES, Ivelise e Adélia E. de Oliveira; "Alguns Aspectos da Ergologia Mura-Pirahã" in Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 65, 1977.
- 55-ROPPA, Saverio; "Os Mura Pirahã", S.I., s. ed., 1975.
- 56-SAFIR, K.; "Nasal Spreading in Capanahua" in Linguistic Inquiry, 13(4), 1982, 689-694.
- 57-BAUSSURE, Ferdinand; Curso de Linguística Geral, Cultrix, 10ª edição, 1916(1ª edição).
- 58-SHELDON, L.; "A Pedagogical Grammar of Pirahã", 1977, inédito.

- 59-----; "Some Morphophonemic and Tone Perturbation Rules in Mura-Pirahã" in International Journal of American Linguistics, vol. 40.4: 279-282, 1974.
- 60-SILVA FILHO, Vicente Ferreira; Eolifonia: Caminhos Cruzados (contribuição à Linguística Interdisciplinar), dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1987.
- 61-SOARES, Marília Facó; "Suprasegmentos e Fonologias Pós-Generativas: Teorias de Domínios e Processos", 1986, inédito.
- 62-TEIXEIRA, Marco Antonio, dissertação de mestrado, UFRJ, 1988.
- 63-VOGT, C. e O. Ducrot ; "De mais a mas -uma hipótese semântica" in VOGT C. Linguagem, Pragmática e Ideologia, SP, Hucitec/Funcamp, 1980, 103-128, 1979.
- 64-VOGT, Carlos; O intervalo Semântico, SP, Ática, 1977